

# **GOVERNE-SE**

*DEMOCRACIA DIRETA  
DIGITAL*

MARCUS BRANCAGLIONE



Copyright © 2014 Marcus Brancaglione

Revisão: Bruna Augusto Pereira

Capa: Julia Cristofi

Este trabalho e todo seu conteúdo está  
licenciado sob a  
Licença  RobinRight.

Para ver uma cópia desta licença,  
visite <http://robinright.org/licenca-1/>

Brancaglione, Marcus.

Governe-se. Democracia direta digital.  
São Paulo, 2014.

235 p.

Assuntos: 1.Liberdade. 2.Politica.  
3.Democracia Direta

## Sumário

<b>A ORIGEM .....</b>	<b>8</b>
<b>DEMOCRACIA 3.0 .....</b>	<b>18</b>
<b>ELES NÃO ENTENDERAM NADA: O E- GOVERNO NÃO É A E-DEMOCRACIA .....</b>	<b>22</b>
<b>CARTA ABERTA Á PRESIDENTE DILMA .....</b>	<b>25</b>
<b>PORQUE A DEMOCRACIA REPRESENTATIVA É O GERME DA CORRUPÇÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>BE YOUR OWN KING – BASIC INCOME E DEMOCRACY 3.0.....</b>	<b>33</b>
<b>“WHY SO SERIOUS, SON?” .....</b>	<b>38</b>
<b>A falta de caráter é a Maior Qualidade de Um Politico na Democracia Representativa.....</b>	<b>38</b>
<b>DEMOCRACIA DIRETA EM REDE .....</b>	<b>41</b>

<b>RECIVITAS E A DEMOCRACIA DIRETA.....</b>	<b>46</b>
<b>QUEM GOVERNA OS GOVERNANTES? .....</b>	<b>51</b>
<b>PANARQUIA.....</b>	<b>60</b>
<b>DAS ANARQUIAS, HIERARQUIAS E PANARQUIA.....</b>	<b>82</b>
<b>ROBINRIGHT E OS NOVOS CONTRATOS SOCIAIS.....</b>	<b>137</b>
<b>TODOS OS POLÍTICOS VÃO MORRER EM 1º DE AGOSTO .....</b>	<b>148</b>
<b>A REVOLUÇÃO COMEÇOU.....</b>	<b>152</b>
<b>A REVOLUÇÃO É VOCE .....</b>	<b>155</b>
<b>GOVERNE-SE: O PRIMEIRO ATO .....</b>	<b>160</b>
<b>MATERIA NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO .....</b>	<b>168</b>
<b>NÃO VOTAR NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES. O QUE ISSO TEM A VER COM O GOVERNE-SE</b>	<b>172</b>
<b>NÃO FAÇA A GUERRA .....</b>	<b>178</b>
<b>REDE DOS POVOS UNIDOS.....</b>	<b>187</b>

<b>LIBERDADE E OBEDIENCIA .....</b>	<b>192</b>
<b>REDE P2P .....</b>	<b>201</b>
<b>DECLARAÇÃO DE INDEPENDENCIA POLÍTICA GOVERNE-SE.....</b>	<b>205</b>
<b>OBEDIENCIA CIVIL .....</b>	<b>207</b>
<b>ESPORTE COMO ARTE.....</b>	<b>218</b>
<b>LOBBY CIDADÃO.....</b>	<b>225</b>

*Governe-se para não ser governado.*

## A ORIGEM

Dizem que cada povo tem o governo que merece.

Eu que nunca vi povo governando, só sendo governado só posso dizer que nenhum homem jamais teve a chance de ter o governo que merece: O SEU.

Dizem também que os anarquistas querem acabar com todos os governos. Se isso é verdade quero o contrário.

O problema não são os governos, mas sim a falta deles. Ou melhor, a falta de tantos deles para tantos de nós.

Governo é coisa importante; mas uma coisa tão importante que nenhuma pessoa jamais deveria renunciar ao seu.

Portanto, governe-se.

Não entregue a soberania sobre a sua vida para ninguém, tenha ele

coroa, título, diploma, aureola ou simplesmente muito poder ou dinheiro.

Não renuncie ao direito de decidir sobre seu próprio destino. É chegada a hora de deixarmos de ser meros telespectadores da nossa própria vida, e voltarmos a ser atores e protagonistas da nossa vida social e política.

Governe-se para não ser governado.

Não seja povo, não trate ninguém como povo. Ninguém gosta de ser chamado de povo nem ser tratado como povo. O povo é uma massa amorfa dotada de uma vontade coletiva fictícia pronta para ser conformada. Seja Cidadão.

Cidadão é homem dotado do direito de se governar.

Porque livre é homem que decide sobre os destinos de sua vida pessoal e social. Não sozinho, mas junto com os outros homens. Porque liberdade não se faz sozinho, mas em

sociedade. Isolamento não é liberdade é solidão.

Não! Sei que é impossível não perder a vontade de participar da vida pública. Mas não é impossível retomá-la. Mais do que isso, é preciso retomá-la, porque essa vontade é inalienavelmente sua.

Se deixou de lado, a busque. Se a deu, a pegue de volta. Porque ela não é deles. Sua vontade, seu poder de decidir, pertence a você, e só a você.

É por isso que a escravidão é mais que proibida, é moral e legalmente impossível. Qualquer contrato de servidão mesmo que voluntária é nulo, pois assim como ninguém pode entregar o que não tem como dar, ninguém jamais poderá deter o que o outro não poderia ter dado.

A vontade é inalienável. E o que vale para os contratos que implicam em escravidão

econômica vale ainda mais para os contratos sociais que geram a servidão política.

Porque nosso direito político nossa liberdade civil não consiste na obrigação de eleger quem irá nos governar. Mas no direito de tomar diretamente nossas decisões sobre a vida social.

Sem mandatários, intermediários ou atravessadores.

Democracia é Governar-se e Governar-se é democracia.

Fora disso é onde começa a corrupção.

Não podemos entregar a política para os políticos, porque para os que detém o poder o silêncio dos cidadãos é aprovação, e voto o consentimento tácito de um contrato social que em verdade é nulo.

Mas não se engane não é trocando os políticos que vamos mudar a

política, mudam as caras permanecem os caracteres principalmente os maus.

Os políticos, são um problema; os partidos são um problema; mas ele não são a origem.

Ou atacamos o problema na raiz ou apenas abriremos caminho para uma outra geração de farsas e farsantes.

Nosso problema é o modelo representativo que de democrático tem apenas o nome.

E é nessa hora que devemos ter cuidado para não jogar fora a sopa e comer a mosca.

O que emporcalha a política e apodrece a cidadania não é a democracia, mas a sua deturpação.

Modelos que a tornam cada vez menos direta e portanto “nossos” governantes cada vez mais independente e poderosos.

O discurso já é batido, mas o problema é que nossos políticos deveriam ser nossos empregados e não nós os deles.

Como fazer isso acontecer? Eis a questão.

Não adianta fazer leis tapa-buraco que limitem os poderes dos governantes. Porque via de regra as demandas da sociedade civil se voltam contra a própria sociedade como tributos e regulações.

O Estado é feito para regular sociedades e não se autorregular.

A menos que a instituição em sua carta constitutiva se autolimite, a tendência do corpo é crescer e se fortalecer como corpo, perdendo muitas vezes sua finalidade Eis o dilema institucional, o corporativismo.

Há sim uma luta de classes, mas ela não é econômica, ela é política. A questão original nunca foi de riquezas mas antes de poder.

É uma luta entre a sociedade e uma classe política que não deveria sequer existir enquanto classe!

Parece que só uma revolução pode dar fim a tamanha perversão, mas essa revolução não é armada nem golpista, até porque os revolucionários de ontem são os ditadores de hoje e amanhã.

As verdadeiras revoluções são pacíficas, criativas e produtivas e passam (até que se prove o contrário) pela evolução das instituições democráticas de direito.

Até porque a violência está sempre a serviço do status quo.

A democracia nasceu para ser direta e ser exercida em pequenas comunidades. A inexistência de unidades representativas de democracia direta dentro de nossa sistema federativo cria esta lacuna onde

nos perguntamos, de onde emana a decisão das bases.

É por isso que a instancia da comunidade regida por democracia direta deve ser constituída como iniciativa da sociedade civil organizada e é a partir dela que devem surgir os representantes políticos oficiais.

Nascidos para representar não as demandas da comunidade, mas as demandas que a comunidade não consegue resolver por conta própria a partir da mobilização criada dentro da democracia direta.

Para que essa representação não usurpe o poder, não adianta freios ou controles, o politico simplesmente não pode ter o poder!

A evolução da representação democrática consiste portanto no fato do representante politico deixar de ser o portador o poder de decisão de uma comunidade politica , para ser o portador da decisão politica da comunidade.

Ele não tem poder de mando ou decisão, mas tão somente de fato o da representação.

Sua autonomia é meramente funcional técnica ou administrativa e está por isso limitada como a de qualquer funcionário a tomada de decisões estritamente necessárias ao cumprimento de suas função ou missão especificamente determinada pela comunidade para o mandato, via programa de governo determinado por ela (comunidade) e não por ele (politico).

**GOVERNE-SE : MOVIMENTO  
PELA DEMOCRACIA DIRETA JÁ**

Pessoas que se unem em comunidades e comunidades unidas em redes para votar fechadas em um candidatos ou partido que assumam contratos sociais ou compromissos assinados de que irão:

Seguir a risca o programa votado pela comunidade;

Votar somente de acordo com a votação da comunidade;

E entregar o cargo para seu substituto se a comunidade exigir.

E se ele se recusar? Medidas legais cabíveis, mídia e redes sociais, e no final impreterivelmente o ostracismo político e o boicote da sociedade.

Como fazer isso? Democracia Direta e Digital.

### **GOVERNE-SE : MOVIMENTO PELA DEMOCRACIA DIRETA JÁ**

Acesse [Governe-se.com](http://Governe-se.com), proponha sua demanda, monte seu grupo, diga o que é para ser feito e quando ser feito, apoie outras demandas, faça parte de outros grupos, e então **fechem seus votos no da sua decisão**, façam valer a sua vontade, elejam desconhecidos e quando preciso os derrubem, mas juntos, ou melhor, conectados.

Enfim Governem-se.

*Em 21 de novembro de 2012*

## **DEMOCRACIA 3.0**

Nossa Proposição de Reforma Política:  
**Democracia Direta Digital**  
**Plebiscito Permanente Convocado a qualquer momento por qualquer cidadão via Site Governamental e votado pelos próprios eleitores. Seja para a proposição de leis, seja para a troca imediata dos representantes eleitos (recall).**

Claro que a constitucionalidade de cada proposta de consulta deve ser primeiro devidamente apreciada e ajustada pelo judiciário antes de virar plebiscito para que se garanta o estado de direito, e não se institua uma ditadura da maioria contra as minorias, nem se faça a apologia da violência. Os

propositores têm por sua vez, sempre o direito de recusar o ajuste e refazer a proposta. Mas, uma vez aprovada uma proposição de consulta, ela é aberta dentro do site governamental para receber os votos de apoio de outros eleitores para que se torne um plebiscito.

Se um número X de eleitores der o seu voto para que a proposta de consulta se torne um plebiscito, então o site **automaticamente** abre o plebiscito eletrônico que deverá durar o tempo necessário, meses se for preciso, para que todos os eleitores possam acessar a internet gratuitamente e votar via aplicativo de celular ou computador. A inclusão digital passa ser um direito político fundamental. E não suprime os poderes do congresso. Funciona como lei de iniciativa popular previamente autorizada pelo poder legislativo a ir a

consulta pública se legitimada pela própria população e judiciário.

Utopia? Não. Já estamos em fase avançada de desenvolvimento de softwares não só para a governança colaborativa e participativa, mas para o provimento desta democracia direta via internet e outras instituições digitais em rede que permitam atender as demandas de uma nova geração que já nasceu conectada, e exige respostas em tempo real(ondemand), uma nova geração que controlam suas vidas desde crianças com um clique,e não vão se adaptar aos antigos e arcaicos ritos burocráticos e hierárquicos.

Não, não é uma questão de revolução, mas de evolução, ou melhor, de adaptação tecnológica a era da conexão. Não são só as estruturas que estão ficando velhas e ultrapassadas, é o mundo que está ficando

mais rápido. E dinossauros embora gigantes e poderosos, sempre são extintos.

A geração V, não vai aceitar as velhas agendas políticas e suas manobras, eles não foram doutrinados em suas ideologias. Eles não vão se comportar como massa, nem responde aos modelos teóricos do século XX. Seu mundo não é feito de estruturas, é dinâmico e seus pensamentos fazem evoluções pela res-pública de ruas e redes compartilhadas.

A liberdade real não é mais um privilégio de poucos, ela é um direito civil. Na era dos sentidos e significados co-criados em rede, os Estados só têm dois caminhos, o totalitário ou o libertário, e nosso povo já fez sua escolha e não é de agora:

*Libertas que sera tamem...* [governe-se.com](http://governe-se.com)

Observação: Este artigo foi publicado originalmente no Facebook

(<https://www.facebook.com/notes/marcus-vinicius-brancaglione/democracia-30/614837375201876>) em 25 de junho de 2013.

## **ELES NÃO ENTENDERAM NADA: O E-GOVERNO NÃO É A E- DEMOCRACIA**

Democracia Direta em Rede não é Caixinha de Sugestões eletrônica, não é digitalização da burocracia.

De fato, repito a pergunta: a quem pertence a soberania ao povo ou ao Congresso? Temos contratos sociais ou contratos de Servidão voluntária? Eles são nossos representantes ou nossos mandatários, nossos porta-vozes ou nossos senhores? São eles nossos funcionários ou nós seus súditos? A quem de

fato esses atores políticos representam? Se tem o poder delegado de nos comandar mas são ainda sim meros representantes de fato da vontade alheia, a quem então eles representam?

Não estou provocando, estou simplesmente interpretando um sentimento, um movimento, uma evolução, um grito que se continuar a ser sufocado irá se traduzir cada vez mais em violência. Não porque as manifestações sejam violentas, mas porque os manifestantes não encontram os canais institucionais para se manifestar. Tecnologia existe, a necessidade de adotá-la perto de uma ruptura completa e desordenada é evidente. Sou um otimista e creio que emergirá uma nova forma de democracia 3.0 quer o governo a coloque no ar, quer sejamos nós que a coloquemos ou não. Não é uma questão de quem, mas de quando. E quantos ainda terão ainda que

sofrer as a consequência da falta de auto-organização, artificialmente produzida pela violência mono- políticas e monopolistas contra a liberdade.

Se os políticos continuarem fingindo que não entenderam, serão varridos pela onda pacífica e auto organizada das redes nas ruas. A vontade como o direito que é difuso, não é desordenado, mas complexo , eles não são reformistas, oposicionistas ou anarquistas, nem jovens despolitizados ou apolitizados, eles não estão contra o governo, nem este nem aquele, eles não clamam pelo fim dos governos, eles clamam pelo seu direito de se governar. Eles?

Eles não. Nós. Porque a res-publica é nossa. Como disse Manuel Castells: "Não há perigo de um golpe de Estado. Os corruptos e antidemocráticos já estão no

poder: eles são a classe política.”  
“Todo mundo é o seu próprio líder.”  
Governe-se.

## **CARTA ABERTA Á PRESIDENTE DILMA**

“No momento em que os mais avançados recursos técnicos para captação e transmissão de opiniões, como terminais de computadores, forem utilizados para fins políticos será possível a participação direta do povo, mesmo nos grandes Estados. Mas para isso será necessário superar as resistências dos políticos profissionais, que preferem manter o povo dependente de representantes.” - Dalmo Dallari

São Paulo, 10 de Julho de 2013.

Excelentíssima Senhora Presidenta da  
República Federativa do Brasil, Dilma

Rousseff, não podemos deixar de expressar respeito pelo interesse em realizar uma reforma política, especialmente por buscar o diálogo e a participação popular neste processo. De fato, esta é a síntese das manifestações e o anseio maior da população é atuar diretamente nos novos rumos a serem estruturados e trilhados.

A Câmara dos Deputados falha em excluir a população da elaboração e da escolha destes novos caminhos políticos e acreditamos ser possível redirecionar este processo novamente ao encontro dos interesses manifestados tão efusivamente nas ruas.

Entendemos que a reforma política deve ser enfrentada em sua completude, sendo o seu primeiro a discussão da própria estrutura participativa popular. Para que a população tenha a condição de dialogar ativamente, apresentar suas vontades e opinar sobre quais

caminhos seguir, é imprescindível que os instrumentos de plebiscito, referendo e iniciativa popular de lei sejam revigorados.

A Lei 9.079 de 1998 deve ser revista para que estes instrumentos alcancem a magnitude necessária e se apresentem como efetivos caminhos de participação popular. Assim, por meio da propositura de um projeto de lei, valendo-se da prerrogativa de urgência do artigo 64, parágrafo 1º da Constituição Federal, é possível conceder ao próprio povo o poder de solicitar um plebiscito, determinar um referendo ou inclusive apresentar projetos de lei sobre a reforma política que desejar. É possível abrir, portanto, um canal de comunicação imediato, com transparência em tempo real, com poderes de atuação diretamente concedidos ao povo.

Estamos em plena fase de desenvolvimento das ferramentas digitais que permitam e

facilitem este diálogo. Entendemos que a internet pode ser o espaço pelo qual a população possa ser ouvida, e mais, possa decidir e influir no processo legislativo, inclusive na discussão da reforma política.

Da mesma forma, estamos trabalhando para contribuir com um esboço deste projeto de lei, com o objetivo de que a regulamentação do artigo 14 da Constituição Federal seja, portanto, a estruturação deste espaço digital participativo, em que a população não apenas possa votar diretamente sobre propostas legislativas, mas possa ela mesma instaurar procedimentos de plebiscito e referendo, absorver discussões que estejam em trâmite no Congresso Nacional e induzir a Casa a discutir matérias de seu interesse.

Gostaríamos de poder apresentar estes conceitos de participação direta digital, bem como entregar à Vossa Excelência toda a

estruturação necessária, inclusive esboço do projeto de lei que poderá instituir tal estrutura, em reunião a ser convocada por Vossa Excelência em data que lhe seja oportuna.

Respeitosamente,

Marcus Vinicius Brancaglione  
Diretor Presidente do Instituto pela  
Revitalização da Cidadania  
ReCivitas

## **PORQUE A DEMOCRACIA REPRESENTATIVA É O GERME DA CORRUPÇÃO**

Que não há o menor sentido em transferir o poder de decisão para um representante se já existem condições tecnológicas e materiais para que toda a população possa manifestar sua própria vontade em tempo real isto já

parece estar ficando claro. O que é preciso enterrar de vez é a fantasia da vontade coletiva falaciosamente alienada. O que isso quer dizer? Que ninguém pode representar os interesses de uma ficção, a coletividade.

Para que o político representante seu papel ele precisa ser um bom ator. Precisa saber interpretar as vontades de seu personagem, o povo, e traduzi-las em palavras a leis. E nisto Há dois problemas:

O ator político precisa

1. saber interpretar vontades de um coletivo; e vontades não são coletivas, mas difusas, complexas e diversas. Qualquer pessoa que já se relacionou com outras pessoas sabe que falar em vontade unas dentro de grupos, como se houvesse um conjunto de concordâncias e não um fluxo de interações é forçado; estamos falando

de seres livres inteligentes interagindo em rede complexas, e não de servos de um rei.

2. eliminar seus próprios interesses particulares, vontades e ego (ser quase que um buda), para então virar um repositório da vontade e interesse dos outros, mesmo que contra os seus próprios interesses. Isto não é um político é uma utopia em carne-e-osso.

A corrupção é inerente a política representativa, porque mesmo sendo possível a um ser humano vencer seus instintos egoístas com altruísmo, moralidade, e muita força de vontade, esta vitória será mérito da pessoa, e não do sistema. E que mérito! Pois, são pessoas em situação de competitividade, conflito, poder, e tentação, a que se pede soluções cooperativas, comedimento e

sacrifício, e isto em meio a uma guerra de vaidade e violência simbólica e real.

Se de fato o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente, então somente a ausência de todo poder pode levar ao fim completo da corrupção. Pois onde houver o poder de um homem sobre outro haverá corrupção. E por que? Por uma simples razão de causas e conseqüências: as conseqüências das ações que o político provocará não serão sentidas diretamente nele, mas na sociedade, porque a matéria com que ele brinca é a vida do cidadão e não a dele político; se fosse o pescoço dele (político), ele não o arriscaria com a mesma facilidade como arrisca o do outro (cidadão).

A lei da política é enfim a mesma da guerra: Se fosse o general ou o presidente e não o soldado que tivesse que ir para linha de frente haveria muito menos guerras e tributos.

Por isso, Governe-se para não ser governado.  
Governe-se.

## **BE YOUR OWN KING – BASIC INCOME E DEMOCRACY 3.0**

Ou de [como o Governe-se.com nasceu da experiência de renda básica de Quatinga Velho e seu modelo de democracia direta em rede.](#)

Governe-se.com é uma rede social de internet programada para entrar no ar dia 18 de agosto de 2013 e destinada a viabilizar a DDD – democracia direta digital. A DDD é um conceito já conhecido. Entretanto, a arquitetura do sistema do governe-se.com se diferencia da e-governança. Inspira-se em princípios que não estão presentes na política representativa: a arquitetura das redes, distribuídas e desintermediadas, a base da

democracias P2P. Mas não é esse o seu princípio nem conceitual nem original.

Por óbvio que a ideia de governar-se é anterior aos próprios governos. E por eles foi usurpada. Também a ideia de usar sistemas eletrônicos para viabilizar democracias diretas ou mesmo a democracia em rede já está no ar faz tempo. A pergunta é: o que então a plataforma do [governe-se.com](http://governe-se.com) pode proporcionar que as mídias sociais existentes já não fazem?

Governe-se é uma rede social política libertária. Ela é inspirada nos princípios de absoluto respeito, acesso e garantia à liberdade, dignidade e igualdade, isto é, aos direitos fundamentais de titularidade de todos os seres humanos. O que se traduz, logo de início, em um respeito à privacidade de seus membros e no uso ético dos dados. Mas não apenas. Ela também tem profunda inspiração

nos princípios de uma renda básica aplicada. Significa dizer que tais direitos não são apenas declarações, mas são trabalhos de tal forma a se tornarem uma ação concreta.

Governe-se nasceu da observação de uma renda básica que foi concretizada, que saiu da utopias, aplicada como rede de P2P e autogerida experimentalmente em democracia direta, alheia a estrutura de programa governamental autocrático. Uma democracia direta projetada para superar a violência simbólica e transpor as fronteiras geopolíticas através da formação da própria identidade comunitária, da autodeterminação pelo reconhecimento mútuo. Significa dizer que a construção democrática pode germinar em novas estruturas.

Enquanto as democracias no passado se ergueram a partir de Repúblicas, agora passaram a ser res-publicas erguidas como

res-civitas a partir de democracias em redes.

Essas redes de cidades e cidadãos livres do mundo que se conectarão pacificamente num mesmo mundo sem fronteiras, múltiplo, difuso e complexo, auto-ordenado e panarquico. Utopia? Não, uma era de conectividade.

Se a transposição de um projeto de libertação econômica para um projeto de libertação política parece um passo distante, é necessário se atentar para a natureza das emancipações e empoderamento humano, conceitos bem trabalhados no [texto de Cocco e Negri](#), primordial para se entender tanto a natureza das redes quanto das suas manifestações, que inclusive ganham as ruas.

Governe-se.com é a transposição da inalienabilidade dos direitos e incondicionalidades das liberdades fundamentais transpostas do plano material para o político; e que só estão de fato

divididos pelo corpo artificial, e não pela necessidade natural do homem.

Governe-se.com é a aplicação política do *logos* da renda básica, tão bem expressada em seu slogan “seja seu próprio rei”, levada para o plano onde a luta pelo direito precisa se materializar primeiro: a *Agora*. Porque diretos nunca foram benesses; e benefícios sociais, nunca foram dados, mas conquistados. Direitos não são liberalidades concedidas por reis ou governantes, mas liberdades reais garantidas de pessoa para pessoa; recíproca, mútua e universalmente. Isto é, Governe-se.

## **“WHY SO SERIOUS, SON?”**

### **A falta de caráter é a Maior Qualidade de Um Politico na Democracia Representativa**

Muito se reclama que da falta de caráter dos políticos, mas não ter caráter é condição básica para ser um politico. E não estou jogando com as palavras.

Um representante politico não tem o direito de fazer senão aquilo que é a vontade do povo. E Como povo é uma ficção, pois, o que temos é o interesse difuso de diversos grupos e indivíduo- tantos quanto as vontades de cada pessoa- temos em verdade um triste figura que pratica a arte teatral de representar ao gosto da opinião pública, que não é a sociedade, não é o povo, nem a impossível somatória de suas doxas.

E isso pouco importa. Eles estão pouco se lixando para a moral. O político é um ser amoral por ,natureza, que por não ter nenhum caráter, assumem o papel que quiser; ou melhor, que melhor convier; vende-se a qualquer interesse não importa suas contradições, a embalagem pode ser a da moralidade, mas dentro o produto não é apenas adulterado, ele é podre. Ele, é absolutamente qualquer coisa que quem pagar pela campanha quiser que ele seja. Um coringa, um Joker. Uma piada mortal. Não ter caráter é a premissa para ser político profissional.

***"Vocês estão sendo enganados! Foi dito que a Câmara dos deputados, composta por imbecis e ladrões, não representa a maioria dos votantes. Isso é falso! Pelo contrário, uma Câmara formada por deputados que são idiotas e ladrões***

***representa perfeitamente os eleitores que vocês são. Não protestem; uma nação têm os líderes que merece!”***

***—Zo d’Axa, Vocês não passam de idiotas***

Por favor, não fiquem ofendidos com ele, nem comigo; deixemos de nos enganar e de duas uma:

Ou vamos nos filiar todos a partidos políticos, Ou enfim vamos nos levantar e tomar de volta a democracia e o congresso desta nação que é nossa.

Sim o parlamento é um teatro e eles são só atores, mas a peça é nossa, a direção é nossa e sobretudo quem deve escrever o roteiro a partir de hoje somos nós, juntos. Eles que continuem atuando, mas para nós os autores da constituição e seu publico pagante e não mais para os seus patrocinadores.

Que seja uma encenação mas de arte, sem comerciais e horário politico. Porque preciso

de atores com caráter para representar minhas decisões, e não capataz do poder com mandato para tomar minhas decisões por mim e de mim.

Se soubesse que a democracia representativa era isso preferia ter feito do meu carteiro meu rei, antes de ter assinado o contrato social. A proposito... quando foi mesmo que foi mesmo que assinei esse contrato prestação de serviços sociais com essa res pública?

Governe-se.

## **DEMOCRACIA DIRETA EM REDE**

*"Diamantes não brilham por que os átomos que os constituem brilham, mas devido ao modo como estes átomos se agrupam em um determinado padrão. O mais importante é frequentemente o padrão e não as partes, e isto também acontece com as pessoas".*

- Marc Buchana (2007), em O átomo social.

Em 25 de Outubro de 2008 teve início a experiência de Quatinga Velho. Um projeto piloto de renda básica incondicional. Uma utopia que para ganhar o mundo precisou de uma metodologia que, integradas no plano comunitário, mostraram-se revolucionárias: autodeterminação e democracia direta.

Quatinga Velho fica em uma pequena vila no Brasil, no Estado de São Paulo, mas não é um lugar, é uma rede local, uma rede de pessoas formada pelo reconhecimento mútuo democrático e direto. Quatinga Velho é uma comunidade livre da violência simbólica, o núcleo experimental da democracia em rede que inspirou o governe-se.

Em 2011 passamos a pensar não apenas na independência econômica do modelo, mas também na política. Dentro dos mesmos princípios P2P de distribuição da rede e do capital, passamos a arquitetar sistemas em

que seja possível a tomada de decisão de maneira informatizada P2P para a multiplicação da democracia direta em rede que culminariam em 2012 no manifesto pela democracia direta digital: **GOVERNE-SE**

Ainda sozinhos e pelo ReCivitas, mas já em Dezembro de 2012, lançamos na ONG Brasil a primeira versão do site [Governe-se.com](http://Governe-se.com), em outra plataforma. A partir daí começaria a revolução.

Quando se juntando ao barco de criadores do [Governe-se](http://Governe-se) mais dois piratas, a **Democracia 3.0** começa a deixar de ser uma utopia do futuro para tornar-se uma utopia possível: nas redes – jurídica e tecnologicamente.

O [Governe-se](http://Governe-se) toma foco, corpo e alma jurídica. O direito como vanguarda criativa, tradução aberta e constante do que se encontra disperso, mas pulsando nas veias, nas ruas do tantos manifestos. A democracia

pelo rompimento dos corredores burocráticos de instituições desconhecidas, a construção de novas instituições, a atuação próxima nos problemas e em suas soluções. Instrumentos como plebiscito, referendo, iniciativa popular de lei, surrados pelo tempo, começam a ser repensados, ganham novo corpo, ganham finalmente conteúdo de democracia direta. Tudo isso pode e deve ser aplicado no cotidiano de nossa República, antes de tudo e sempre, democrática.

O mandato para que, por mim e por muitos, fale apenas um, não encontra mais nexos. Se o maior problema era prático, este problema não existe mais. Não só é possível unir milhões de pessoas em uma mesma *Agora*. É possível que todas as vozes se confluem, que a multidão seja ouvida em sua infinidade subjetiva.

E este emaranhado vivo e dinâmico não está formando um coro uníssono. Em verdade, milhares de vozes podem ser ouvidas, uma de cada vez e todas ao mesmo tempo, numa orquestração glocalizada que as redes permitem existir, na interação da qual a globalização do local encontra a localização do global.

Envolvidos pelo espaço-tempo dos fluxos, a teia social adquire um empoderamento nunca visto antes na história humana, fazendo com que uma inteligência emergente transforme toda ideia em permanente ação: colaborativa, co-criativa, interativa, aberta, livre. Em rede.

É justamente neste amassamento do mundo, onde as distâncias praticamente se anulam diante da conectividade entre cada cidadão, que surge este imenso poder social, retroalimentando-se com inovação e criatividade na reinvenção da democracia,

mas que hoje esbarra nos limites da velha política.

De uma plataforma ou mídia social convencional para uma nova forma de atuação política online, legítima, jurídica e tecnologicamente viável. Em 4 de Julho de 2013 o todo não era mais a soma das partes e a solução Governe-se.com estava constituída (<http://governe-se.com/>). E ela não nada. É só o caminho. O mapa não é a rede. É hora de se governar em rede. Democracia Direta Já. Digital Social e em Rede.

## **RECIVITAS E A DEMOCRACIA DIRETA**

***A Rede e a Democracia Direta em  
Quatinga Velho***

RBC-QV: projeto de renda básica gerido democracia direta no Brasil.

BIG: projeto de renda básica na Namibia.

***"No entanto, os projetos-piloto diferem quanto ao objetivo final do projeto. A BIG nunca foi planejada para ser um programa garantido, porém, isso foi o objetivo do RBC-QV desde o começo. Isso é refletido no processo de determinação da elegibilidade (único em Otjivero; permanente em Quatinga Velho) e na busca de sustentabilidade financeira. Além disso, a ênfase na emancipação política é muito maior no projeto-piloto brasileiro. Assim, ao contrário do Comitê da BIG, um órgão meramente representativo e consultivo,***

***a assembléia de Quatinga Velho é uma democracia direta que é destinada a tomar o poder das funções centrais do projeto.”***

*Anthony Baert – Economics School of Louvain, Université catholique de Louvain em*

*Experiências de transferência de renda universal e recomendações para o projeto de RB em Santo Antônio do Pinhal, 2011*

*“Esta é a visão de uma democracia direta que perseguimos no nosso projeto. Tentamos com ela vislumbrar uma futura gestão não monopolizada dos bens públicos; controlada de baixo para cima pelas comunidades e sociedades que ao invés de serem governados por intermediários ou mandatários, controlam o desempenho e administração de seus interesses, como verdadeiros contratantes de um serviço, podendo dispensar, demitir aquele*

*que despenham a função de gestor ou provedor do serviço ou bem social a qualquer tempo conforme sua deliberação por democracia direta.”*

*“Quanto a limitação do modelo, está corresponde justamente a crítica mais recorrente à democracia direta, a de que só é viável em pequenas comunidades. Uma crítica apenas parcialmente procedente. Evidentemente que não é possível nem desejável fazer assembleias gigantescas. Contudo isso não implica que as gestões comunitárias devam ser eliminadas para que se possa efetuar a gestão de um grande número de pessoas. Exceto se o que se busca é fazer destas pessoas justamente só números ou melhor massa popular. De fato o primeiro passo para que essa perversão não ocorra é justamente evitar a destruição destes núcleos de decisão comunitária, porque é*

*somente a partir deles que se pode construir uma verdadeira democracia, de baixo pra cima, ou mais corretamente, horizontal.*

*É portanto não apenas perfeitamente possível, mas desejável, manter a democracia direta na base comunitária. E a partir desta base efetuar a conexão e integração de cada comunidade dentro de uma rede de seguridade formada por tantos núcleos comunitários quanto os espontaneamente existentes. Uma rede de redes onde as representações são instancias portadoras das decisões comunitárias, e não delegados detentores do poder de decisão, ou seja, não decidem, comunicam. Esta organização é antiga e se baseia no princípio federativo, contudo hoje é muito mais viável, ou melhor, mais resistente a dominação graças a tecnologia da informação.”*

*Entretanto esta proposição da rede de comunidades carece ainda de aplicação e demonstração. Algo que está dentro do planejamento do ReCivitas para os próximos anos como veremos mais adiante.”*

*Brancaglione, Marcus Vinicius; Augusto Pereira, Bruna. Relatório analítico da experiência de Renda Básica em Quatinga Velho. ReCivitas,2012.*

## **QUEM GOVERNA OS GOVERNANTES?**

***Quis custodiet ipsos custodes? "Who watches the watchmen?" Quem Governa os Governantes?***

Sob a vigilância dos impérios, uma mesma pergunta sempre surge nas mentes livres do

mundo: quem nos protege de nossos protetores?

Sejam os tiranos romanos, ou americanos, estejam eles ao norte, ou ao sul, a destruir repúblicas e democracias antigas ou modernas, a língua é universal: "Who watches the watchers?, " "Quis custodiet ipsos custodes?", "Quem Governa os Governantes?"

Mesmo sob a mira dos tiranos, há aqueles que têm a coragem não só para pensar livremente, mas se levantar e dizer o que pensam: que quando os líderes se levantam as pessoas são postas de joelhos, assim como – tão claro quanto o nascer do dia para a longa noite- também os líderes hão de cair quando as pessoas se levantarem.

E eis que a pergunta não é mais: quem irá nos salvar? A pergunta nem sequer é mais: quem irá nos salvar de nossos salvadores? A nova pergunta, (que deveria estar sendo feita

agora mesmo) é: quem irá salvar os salvadores?

O antigo regime será então derrubado?

Derrubar o quê?

Como derrubar algo decaído, podre e obsoleto? Quem ridiculariza a Política são os políticos e quem torna ilegítimo o sistema é o regime. Que os mortos enterrem os mortos. Quero criar, não destruir.

Como já foi dito há muito tempo:

*"...o mais espantoso é sabermos que nem sequer é preciso combater esse tirano, não é preciso nos defendermos dele. Ele será destruído no dia em que o país se recusar a servi-lo. Não é necessário tirar-lhe nada, basta que ninguém lhe dê coisa alguma. Não é preciso que o país faça coisa alguma em favor de si próprio, basta que não faça nada contra si próprio. São, pois, os povos que se deixam oprimir, que tudo fazem para serem*

*esmagados, pois deixariam de ser no dia em que deixassem de servir.” (Etienne de La Boétie, Discurso sobre a servidão voluntária)*

Como assim? O que isso quer dizer? Não é preciso lutar? Não é preciso fazer nada?

Não, isso quer dizer que é preciso apenas fazer uma única coisa, tomar uma decisão, talvez a decisão mais difícil da vida de uma pessoa: emancipar-se; desalienar-se; libertar-se. Tornar-se plenamente responsável pelos seus atos. Retomar a vida pública que entregamos para os políticos profissionais. Tomar de volta a soberania que nunca devíamos ter renunciado em favor de reis e políticos; a soberania sobre a nossa vida pessoal e social. Deixar de ser meros eleitores para sermos, de novo, cidadãos.

Re-Civitas de uma nova Re-Pública que nasce de uma democracia direta repleta de conectividade. Plena de nexos compartilhados

em rede. Re-significada em sentidos ligados a um fluxo livre, igual e distribuído. A nova Liberdade, Igualdade e Fraternidade da ciberdemocracia. A nova república das sociedades e cidades pós-governamentais.

Em outras palavras, exercer a liberdade, que é poder de decisão, e o direito, que é dever de decidir os caminhos da sociedade na sociedade, de pessoa para pessoa sem exclusão ou discriminação entre os pares. Democracia direta em rede.

Ou em uma única palavra: Governe-se.

Quem Vigia os vigilante? Ninguém.

O rei está nu! "Tudo no Estado, Nada contra o Estado, Nada fora do Estado". Num mundo onde a pretensão física e metafísica de onisciência, a onipresença – os Big-Brothers e os panópticos – estão cada vez mais explícitos e o nexu fascista fica cada vez mais exposto.

O deus-estado está nu! E os cultos totalitários minguam por falta de idólatras dispostos a se sacrificar em seu holocausto. Pai, Pátria e Patrão. É o poder total e os todos poderosos a perder seus vigias e vigilantes.

Para quem?

Para o próximo, meu amigo.

É, a monocultura de gentes e idéias já não dá colheitas como d'antes. Porque os bichos da fazenda começaram a perceber que as cercas são imaginárias e as diferenças de espécies, raças, cor, classe, são a maior mentira da historia da humanidade.

O elefante de circo não sabe que é mais forte que a corrente que o prende porque foi aprisionado e adestrado desde criança. Mas o que acontece quando ele descobre que as correntes que o prendem não o protegem? O que acontece quando o prisioneiro descobre que os muros e guardas que ele pensava ser

sua proteção e protetores eram em verdade seu cárcere e carcereiros?

Não senhores, não é o fim de um regime, é o fim de um rito; é o fim de um estado de privação de corpos e mentes. É o fim de um culto ao absoluto.

E eis que o corpo artificial do monstro, da besta, contorce-se e desmancha quando a mão se nega a torturar, e os olhos se escandalizam, e se negam a espionar as vítimas torturadas. Quando o pensamento se nega a discriminar as pessoas, os povos e as liberdades. E eis que os escravos, amestrados e domesticados começam a se revoltar contra seus mestres e *domus*. Já não mais tão senhores supremos e poderosos.

Sem mestres e sem dominadores, exclamariam se quisessem pedir alguma coisa para seus governantes! Mas eles não dizem nada! Eles não pedem nada! Os verdadeiros

revolucionários não pedem. Não dizem que querem: liberdade! Igualdade! Justiça!

Os novos revolucionários não pedem, fazem. Não opinam, comunicam.

Por quê?

Porque não querem a revolução, mas apenas aquilo que por direito é inalienavelmente deles!

“Afiml o que eles querem com estes protestos?” – se desesperam os governantes.

“Eles nem sabem o que querem, são uns vândalos, anarquistas!!!” – bradaram eles.

Coitados. Eles não entenderam nada. Ou muito pouco.

Dizem que Alexandre depois de conquistar o mundo inteiro foi ver Diógenes o filósofo que vivia como mendigo nas ruas e perguntou para Diógenes:

- *Filósofo, peça o que quiser que eu lhe darei!*

Alexandre que tinha parado naquele momento entre Diógenes e a luz do Sol lhe fazia sombra. Diógenes então apontando em direção a luz natural do astro respondeu:

*- Não me tire o que não me pode me dar.*

Dizem que Alexandre até entendeu a mensagem de Diógenes, porque ao ouvir depois suas tropas zombar do filósofo, disse *"se não fosse Alexandre gostaria de ser Diógenes"*.

Diria que não entendeu tão bem assim, pois quase posso ouvir o que o filósofo responderia: *"se não fosse Diógenes, a última pessoa que gostaria de ser é Alexandre"*.

Governe-se.

14 de Julho de 2013

## PANARQUIA

Panarquia : Uma ideia esquecida de 1860

Paul Emile de Puydt

A verdade é que não há a liberdade que deveria haver, a liberdade fundamental de escolher ser ou não ser livre. Cada um julga por si mesmo e define a questão de acordo com gostos e necessidades particulares. Como há tantas opiniões quanto há indivíduos, tot homines, tot sensus, é possível ver a confusão disfarçada com o bonito nome de política. A liberdade de uns é a negação dos direitos de outros, e vice-versa. O melhor e mais sábio dos governos não funciona com o livre e pleno consentimento de todos os governados. Há partidos triunfantes ou vencidos, há maiorias e minorias em luta perpétua; e a paixão com

que se apega a um ideal é tão grande quanto é a confusão de idéias. Alguns oprimem em nome do direito, outros se revoltam em nome da liberdade, para se tornarem eles mesmos opressores, quando chegada sua hora.

Entendo! – diz um leitor. Você é um desses utópicos que constroem a partir de muitas peças um sistema no qual a sociedade deve estar compreendida, por vontade ou força. Nada será como é, apenas sua panacéia salvará a humanidade. “Comprem minha salvação!”

Errado! Não tenho uma salvação que não seja a de todos, eu sou diferente de outros apenas em um ponto, é que sou partidário de todas as salvações, permitiria todas as formas de governo. Ao menos, aquelas que têm alguns partidários. Eu creio que a respeito disso todos devem ser totalmente livres para tomar suas decisões. Essa é a base do meu sistema:

Laissez-faire, laissez-passer. Não é uma questão de imigração. Um homem não carrega a sua terra nativa na sola do sapato. Além disso, tamanha expatriação é e sempre será impraticável. O custo envolvido não seria coberto nem por toda a riqueza do mundo.

Eu não tenho o propósito, por exemplo, de realocar a população de acordo com suas convicções, relegando os Católicos as Províncias dos Flandres, ou marcar a fronteira de Mons a Liège. Eu torço para que todos nós possamos continuar vivendo juntos onde estivermos, ou em qualquer lugar se se deseja, mas sem discórdia, como irmãos, cada um livremente com suas opiniões e se submetendo apenas a um poder pessoalmente escolhido e aceito.

Nada dura se não for baseado na liberdade. Nada que já exista pode se manter, ou operar com eficiência plena sem a livre interação de

seus agentes. Assim eu demando, para todo e cada membro da sociedade humana, liberdade de associação de acordo com a inclinação e com a atividade de acordo com a aptidão. Em outras palavras, o direito absoluto de escolher as vizinhanças políticas nas quais eu vou viver, e nada mais.

Por outro lado eu estou bem ciente das dificuldades de mudar o estado de coisas para o que as coisas deveriam ser e no futuro se tornarão. Eu simplesmente expresso minha ideia sem desejar impô-la a ninguém; mas eu não vejo nada que possa para-la a não ser a rotina. Não sabemos quão ruim união governo e governados fazem hoje, em qualquer lugar? No nível civil nós nos livramos de uniões que não deram certo através de divórcio ou separação legal. Eu sugiro uma solução análoga para a política, sem ter que circunscrevê-la com formalidades e restrições

protetoras, uma vez que na política associações prévias não deixam filhos ou marcas físicas. Meu método difere dos procedimentos tirânicos e injustos tomados no passado no fato de eu não ter intenção em causar violência para ninguém.

Alguém deseja promover uma cisão política? Esse alguém deveria ser permitido, propriamente apenas com uma condição, que ele o fará apenas dentro de seu próprio grupo, sem afetar nem os direitos nem as crenças dos demais. Para alcançar isso, é absolutamente desnecessário subdividir o território do Estado em tantas partes quanto existam formas conhecidas e aprovadas de governo. Como antes, eu deixo tudo e todos em seu lugar. Eu apenas demando que as pessoas deixem espaço para dissidentes de maneira que eles possam construir suas

igrejas e servir o Poder Supremo à sua própria maneira.

Esse é precisamente meu ponto principal. Você sabe como um escritório de registro civil opera? É apenas uma questão de fazer uma nova aplicação dele. Em cada comunidade um novo escrito é aberto, um "Agência de Filiação Política". Esse escritório mandaria para cada cidadão um formulário a ser preenchido, assim como para o imposto de renda ou registro de cães.

Livremente você responderia monarquia, democracia ou qualquer outro.

Pergunta: Se monarquia, você a prefere absoluta ou moderada..., se moderada, como? De qualquer forma, seja lá o que você responder, sua resposta daria entrada em um registro; uma vez registrado, a menos que você invalide sua declaração, de acordo com os processos e formas legais, você então se

tornaria tanto um súdito real ou um cidadão da república. Dessa forma você não estaria de forma alguma envolvido com o governo de outras pessoas. Você obedeceria seus próprios líderes, suas próprias leis, e suas próprias regulações. Em última instância, todos viveriam em sua própria comunidade política individual, como se não houvesse outras, digamos, dez comunidades políticas nas redondezas, cada uma com seus próprios contribuintes.

Se uma desavença acontecesse entre membros de governos diferentes, ou entre um governo e um súdito de outro, seria simplesmente um caso de observar os princípios até então observados entre Estados vizinhos pacíficos; se uma discrepância fosse encontrada, poderia ser superada sem dificuldades pelos direitos humanos e todos os

outros direitos possíveis. Qualquer coisa seria o trabalho de cortes de justiça comuns.

Haveria e deveria também haver interesses comuns afetando todos os habitantes de um certo distrito, não importando sua filiação política. Cada governo nesse caso, estaria relacionado com a nação mais ou menos como cada Cantão Suíço, ou melhor, como os Estados da União Americana se relacionam com o governo federal. Dessa forma, todas essas questões fundamentais e aparentemente chocantes são respondidas com soluções rápidas; a jurisdição é estabelecida sob a maioria dos assuntos e não apresentaria nenhum tipo de dificuldades.

Certamente acontecerá de alguns espíritos maliciosos, sonhadores incorrigíveis e naturezas insociáveis não se acomodarem em nenhuma forma de governo. Também haverá minorias muito fracas para cobrirem os custos

de seus Estados ideais. Pior para eles. Esses poucos excêntricos são livres para propagar suas idéias e recrutar pessoas até sua complementação final, ou ao invés, até suprirem as necessidades financeiras, já que tudo se trataria num problema de financiamento. Até lá eles teriam que optar por alguma das formas de governo. É assumido que tais pequenas minorias não causarão problema algum.

Isso não é tudo. Problemas raramente surgem entre opiniões extremas. Briga-se mais, luta-se com mais afinco, por tonalidades do que por cores fortemente contrastadas.

Uma das vantagens incomparáveis do nosso sistema é tornar compreensíveis, naturais e completamente legalizadas aquelas divergências de opinião que em nossa época trouxeram uma má reputação a cidadãos justos, e que foram cruelmente condenadas

sob o nome de apostasias políticas. O que não é a tamanha impaciência por mudanças, que foi considerada criminosa em pessoas honestas, que fez com que nações novas e velhas fossem acusadas de libertinagem e ingratitude, senão um desejo de progresso?

Ademais, não é estranho que, na maioria dos casos, aqueles acusados de impulsividade e instabilidade são precisamente aqueles que são os mais consistentes consigo mesmo?

Minha panaceia, se me permite o termo, é simplesmente livre competição no ramo governamental. Todos possuem o direito de prover sua própria possibilidade como bem entender e obter segurança por conta própria. Por outro lado, isso significa progresso através da competição entre governos tendo que competir por seguidores. Verdadeira liberdade global é aquela que não é forçada à ninguém, estando disponível a todos justamente a

quantia desejada; nem suprime nem engana, e está sempre sujeita a um direito de apelação.

Para fazer tal liberdade acontecer, não haveria necessidade de abdicar de tradições nacionais nem de laços familiares, sem necessidade de aprender a pensar numa nova linguagem, de atravessar rios ou mares, carregando os ossos de seus ancestrais. É simplesmente uma questão de declaração ante sua comissão política local, para se mover da república à monarquia, do governo representativo à autocracia, da oligarquia à democracia, ou até a anarquia do Sr. Proudhon – sem a necessidade de tirar a roupa ou os chinelos.

Está cansado da agitação no fórum, o pedantismo da tribuna parlamentar, ou dos beijos mal educados da deusa da liberdade? Está tão cheio do liberalismo e do clericalismo que as vezes confunde o Sr. Dumortier com o

Sr. De Frè, esquece as diferenças exatas entre o Sr. Rogier e o Sr. De Decker? Você prefere a estabilidade, o suave conforto de um despotismo honesto? Sente a necessidade de um governo que pense por você, aja por você, veja tudo e tenha uma mão em todos os lugares, e cumpre o papel de representante-provedor que todos os governos têm predileção? Você não precisa migrar para o Sul como os martinetes no outono ou gansos em Novembro. Tudo o que você deseja aqui, ali, em todo lugar; assine seu nome e se acomode.

O que é mais admirável sobre essa inovação é que ela acaba para sempre com revoluções, rebeliões, e brigas de rua, até as últimas tensões no tecido político. Está insatisfeito com seu governo? Mude para outro! Essas três palavras, sempre associadas com horror e derramamento de sangue, palavras que todos

os tribunais, superiores ou não, militares e especiais, sem exceção, culpavam unanimemente de incitar rebeliões, essas três palavras se tornam inocentes, como se estivessem nas bocas de seminaristas, e inofensivas como a medicina ministrada tão erroneamente pelo Sr. De Pourceaugnac.

“Mude para outro” significa: Vá à Agência de Filiação Política, com o chapéu na mão, e peça educadamente para seu nome ser transferido para qualquer lista que lhe apeteça. O Comissário colocará os óculos, abrirá o registro, marcará sua decisão, e lhe dará um recibo. Você parte, e a revolução está completa sem derramar mais que uma gota de tinta. Como ela afeta apenas a você, eu não posso discordar da sua decisão. Sua mudança não afeta mais ninguém – esse é seu mérito; não envolve uma maioria vitoriosa ou uma minoria derrotada; mas nada

prevenirá 4,6 milhões de Belgas de seguir seu exemplo se eles desejarem. A Agência de Filiação Política necessitará de mais funcionários.

Qual, basicamente, sem levar em conta pressuposições, é a função de qualquer governo? Como indiquei acima, é suprir seus cidadãos com segurança, no sentido mais amplo da palavra, e sob condições otimizadas. Estou ciente de que nesse assunto em particular nossas idéias ainda estão um tanto confusas. Para alguns nem mesmo um exército significa proteção suficiente contra inimigos externos; para alguns nem mesmo uma força policial, uma ronda, um promotor público e todos os honoráveis juízes são suficientes para garantir ordem interna e proteger títulos de propriedade e direitos.

Alguns desejam um governo abarrotado de cargos bem remunerados, com legiões de

servidores públicos mantendo as finas artes, teatros e atrizes. Eu também sei que aqueles são slogans vazios propagados por governos brincando de providência, como já mencionamos. Até a liberdade de experimentação lhes ter feito justiça, eu não vejo problema algum em deixá-los continuarem a satisfazerem seus partidários. Eu peço apenas uma coisa: liberdade de escolha.

Então, livre competição no ramo governamental assim como em todos os casos. Imagine, uma vez que tenha superado seu espanto, o quadro de um país exposto à competição governamental – isto é, simultaneamente possuindo tantos governos competitivos quanto já foram concebidos e ainda serão inventados.

Você lembra quando as pessoas berravam suas opiniões religiosas ainda mais alto que

quando elas berravam brigas políticas? Quando o criador divino se tornou o Senhor dos Convidados, o impiedoso e vingativo Deus em cujo nome sangue desceu nos rios? Os homens sempre tentaram trazer a causa divina para suas próprias mãos – fazer Dele um cúmplice de seus desejos sanguinários. “Matem a todos! Deus reconhecerá Seu povo!”

O que se tornou de tal ódio implacável? O progresso do espírito humano já o varreu para longe, assim como o vento faz com as folhas caídas de outono. As religiões, em cujo nome foram confeccionados estacas e instrumentos de tortura, sobrevivem e convivem pacificamente, sob as mesmas leis, com o mesmo tipo de orçamento; se cada seita prega apenas em sua própria excelência, é bem raro que persista em condenar as rivais. Então, o que se tornou possível nessa região

obscura e insondável da consciência, com o proselitismo de alguns, a intolerância de outros, com o fanatismo e ignorância das massas; que é possível ao ponto de ser praticável em meio mundo sem resultar em inquietude e violência, muito pelo contrário, já que particularmente aonde há crenças divergentes, numerosas seitas existem numa base de completa igualdade legal; onde as pessoas são, de fato, mais prudentes e cuidadosas com sua dignidade e pureza moral e do que em qualquer outro domínio; que se tornou possível sob tão difíceis condições, não poderia ser mais claramente possível no domínio secular da política, aonde toda ciência pode ser expressa em três palavras?

Sob as condições atuais um governo existe apenas pela exclusão de outros, e um partido pode exercer poder apenas ao destroçar seus oponentes; uma maioria sempre é prejudicada

por uma minoria impaciente para governar. Sob tais condições, é quase inevitável que os partidos se odeiem e vivam, se não numa guerra, num estado de paz armada. Quem se surpreende ao ver que as minorias conspiram e se agitam, e que governos destroem à força qualquer aspiração a uma forma política diferente que também seria exclusiva? Então a sociedade acaba sendo composta por homens ambiciosos e ressentidos, esperando por vingança e por ambiciosos homens de poder, sentados complacentemente na beira de um precipício. Princípios errôneos nunca trazem consequências justas, e a coerção nunca leva à verdade ou ao direito.

Agora imagine que toda essa compulsão termine; que todo cidadão adulto é e continuará livre para escolher dentre as formas possíveis de governo oferecidas uma que se ajuste às suas convicções e satisfaça

suas necessidades pessoais; livre não só no dia seguinte a alguma revolução sangrenta, mas sempre, e em qualquer lugar, livre para escolher, mas não para forçar sua escolha a outros. Nesse momento, toda a desordem chega a um final, e lutas irrecompensáveis se tornam impossíveis.

Esse é apenas um dos lados da moeda; ainda resta outro: a partir do momento que todas as formas de governo estão sujeitas a experiência e livre competição, elas estão destinadas a progredirem e a se aperfeiçoarem; essa é a lei da natureza. Não mais hipocrisia, profundidades aparentes que contém apenas um pequeno vazio. Sem maquinações se passando por sutilezas diplomáticas. Não mais movimentos covardes ou impropriamente camuflados de política Estatal. Não mais brigas militares ou judiciais enganosamente descritas como honráveis ou

de interesse nacional. Resumidamente, sem mentiras no que toca a natureza e a qualidade das ações governamentais. Tudo é aberto a um exame detalhado. Os súditos fazem e comparam observações, e os poderosos finalmente vêem essa verdade econômica e política, que no mundo há apenas uma condição para um sucesso sólido, duradouro, e que é governar melhor e mais eficientemente do que outros. Desse momento em diante um acordo universal emerge, e forças anteriormente desperdiçadas em trabalho sem sentido, em fricção e resistência, se unirão para realizar um poderoso impulso, maravilhoso e sem precedentes em direção ao progresso e felicidade da humanidade.

Eu acredito numa linguagem universal da mesma forma que eu acredito no poder supremo da liberdade em trazer a paz

mundial. Eu não posso prever nem a hora nem o dia desse acordo universal. Minha idéia é meramente uma semente ao vento. Cairá ela em terra férteis ou estradas de paralelepípedos? Eu não tenho o que dizer quanto a isso. Não proponho nada. Tudo é uma questão de tempo. Quem, a um século atrás, acreditava na liberdade de consciência, e quem, nos dias de hoje, a questionaria? Faz muito tempo que as pessoas ridicularizavam a ideia da Imprensa ser um poder no interior do Estado? Agora até estadistas se curvam perante ela. Você por acaso previu essa nova força da opinião pública, cujo nascimento todos nós presenciamos, a qual, apesar de apenas em sua infância, impõe seu veredito sob impérios? É de maior importância até nas decisões dos déspotas. Você não teria rido da cara de alguém que se atrevesse a prever sua ascensão?

Quanto a identificação governamental de seus súditos, constituintes e contribuintes, apresentaria isso mais dificuldades do que existem para uma igreja manter um registro de sua congregação, ou cada companhia seus acionistas?

Note que de qualquer forma, graças a lei da competição, cada governo se esforçaria para se tornar o mais simples e econômico quanto possível. Os departamentos governamentais, o quanto nos custam, apenas Deus sabe! Nossos própria vigilância os reduziriam ao mínimo necessário; e burocratas supérfluos teriam que abdicar de seus postos e se engajar em trabalho produtivo. Essa forma a pergunta estaria apenas metade respondida, e eu não gosto de soluções incompletas. Muitos governos constituiriam um mal e dariam margem para o aparecimento de despesas excessivas, para não falar de confusão.

Entretanto, a partir do momento que alguém percebe esse mal, o remédio está em suas próprias mãos. O senso comum das pessoas não apoiaria nenhum excesso e rapidamente apenas governos eficientes seriam capazes de continuarem em atividade. Os demais definhariam até a morte. Como pode ver, a liberdade é a resposta para tudo.

## **DAS ANARQUIAS, HIERARQUIAS E PANARQUIA**

### **A Arque Versus Cratos**

#### **Redes: Sistemas ou Estruturas?**

A representação clássica das redes é dada por Baran que as classifica em três conjuntos distintos conforme a distribuição de seus nodos pelo espaço. Centralizada.

Descentralizada e Distribuída. A rede propriamente dita seria a distribuída, enquanto a centralização das estruturas seria o fator determinante da desconfiguração da rede.

Podemos ainda dentro de uma abordagem estrutural classificar as formas de organização em três formas arquetípicas central, piramidal, matricial.

Novamente a matriz mais perfeitamente distribuída, representa a rede ideal, porém essa pode ser negada ou desconfigurada não mais apenas por organizações centralizadoras, mas também por organizações piramidais. Estruturas piramidais são representações figurativas de um bastante tipo especial de organização centralizadora a hierárquica. Uma hierarquia não deixa de ser um tipo de organização centralizadora, porém seus vetores possuem ramificações.

Estruturas centralizadoras são formas bastante simples de organização. Estruturas hierárquicas podem atingir níveis de complexidade extremos. E se combinar com estruturas centralizadoras de modo a proteger seu núcleo. Tais combinações produzem o fenômeno da corporação, onde elementos componentes da matriz perdem sua autonomia para o núcleo central. Deixam de ser um ente autopoietico para ser parte do corpo que apresenta comportamento uniforme e centro de comando.

Claro que pode também ocorrer o fenômeno oposto onde o fluxo de informação ou comando seria reverso, mas isso como veremos mais adiante seria insustentável, porque a quantidade de demandas-informação para um único núcleo só pode ser destrutivo. Se os vetores estão voltados do centro para nodos temos a representação de

uma relação de comando, se os vetores estão voltados dos nodos para o centro, temos um cerco e a imanente destruição do centro, no mínimo por sobrecarga informacional.

Sim como diria Hobbes ou São João esse tipo de besta tenha uma ou sete cabeças, felizmente são monstros que tem algo que podemos cortar. Como veremos mais adiante o maior problema não são os bichos que não tem corpo nem cabeça, e que habitam nossas cabeças.

A hierarquia é, portanto um tipo bastante especial de estrutura onde a estrutura matricial que controla o comportamento dos seus componentes e não os entes que geram o comportamento matricial. Não há autopoiese exceto no centro de comando da matriz. E a estrutura é mais resistente a inversão dos fluxos informacionais.

Comportamento é um fenômeno dinâmico e análise estático-estruturais por obvio não comportam muito bem o movimento, nem tão pouco as estruturas em redes que de fato correspondem ao muito mais as evoluções da rede do que a própria estrutura em rede. As redes são o fluxo, a matriz a decomposição epistemológica da rede em tempo espaço e movimento.

A rede como percepto é, portanto uma matriz, mas não se define apenas pela distribuição de seus entes ou componentes pelo espaço, mas pela variação de suas trajetórias ao longo do tempo – ou como já dissemos ao introduzir o conceito de movimento se concebe dinamicamente. A rede se concebe em fluxo sendo rigorosamente, portanto um sistema vivo ou dinâmico, não necessariamente matricial, mas euclidianamente matricial.

Em representações ou abordagens não físico-espaciais ou geométricas a rede pode ser concebida compreendida de outras formas, como proporemos mais adiante.

### **Simulações Computacionais Booleanas (pode pular se você não for nerd)**

Por hora continuemos a montar nossa rede no mundo dos quadrados.

A introdução da variante fluxo não introduz apenas uma historia para a matriz ou seus entes ou componentes, mas um histórico de variação das estruturas, compondo o conceito de um padrão de comportamento para só os componentes, mas para as estruturas. Isto gera tanto possibilidades quanto demandas.

Podemos ter uma ideia muito melhor do que são as redes naturais e sociais a partir da análise destes padrões de comportamento sistemático ainda que reduzidos a conceptos matriciais espaço-temporais analisando as

evoluções representadas graficamente por estes sistemas computacionais booleanos. Mas isso demanda o desenvolvimento do conceito em nível algorítmico de um *logos* para o sistema, quanto o conceito e novamente o algoritmo correspondente e muito mais complexo de uma *arque* autogeradora para cada ente do sistema, uma autopoiese da autopoiese.

De acordo com esta abordagem seria possível não reproduzir padrões apresentados por uma matriz-multiverso, mas a partir desta análise enumerar as diferentes logica passíveis de serem aplicadas a uma matriz de modo a produzir os mais diversos padrões de auto-organização e evoluções. Considerando ainda o princípio de autopoiese essa logica não poderia ser de antemão única ou centralizada, devendo emergir de entes autônomos dotados de inteligência suficiente para se autoproduzir

em interação com o sistema eminentemente determinístico. Computacionalmente dá um bocado de trabalho e não sei se os resultados seriam satisfatórios. Porque a simulação de redes autopoieticas demanda a criação de inteligências artificiais, ainda que em seus estágios muito primitivos e metarealidades virtuais no mínimo extravagantes.

Suponho por exemplo a criação de uma matriz representando o nada, dotada de uma vontade primal como liberdade (a logica do sistema) da qual qualquer ser que ainda não existisse, mas que tivesse vontade de existir(?) tomasse essa vontade(???) como liberdade individual (logica própria e indeterminada) para constituir a identidade logica ou sentido evolutivo por geração inconstante de seu ser em interatividade com os demais dentro desta rede autopoética difusa que não seria senão a própria

manifestação desta vontade primal libertaria difusa como sistema matricial.

Entre outros problemas graves desta proposição, (como não fazer nenhum sentido[i]) a simulação do princípio indeterminístico, e da vontade primal como logica geradora de uma espécie de direito difuso é uma dificuldade enorme porque o processo algorítmico da randomização não equivale a indeterminação.

### **A abordagem Sociológica (ou podem voltar daqui)**

Claro que não precisamos simular matematicamente comportamento de redes autopoieticas a partir de inteligências artificiais, ou do zero. Podemos traspor redes sociais para modelos geométricos e analisar a historicidade das estruturas de modo a identificar os padrões de comportamento que definem as redes não como estruturais

cristalizadas, mas como sistemas dinâmicos e auto-organizados.

Mas ainda sim não creio que tal abordagem seria capaz de sugerir o que é a rede para além da representação simbólica, ou o que são estes fenômenos. Porque pensa-los como fluxos, ou qualifica-los como sistema dinâmico apenas me diz o mesmo que Sócrates disse a respeito do conhecimento só sei que nada sei. Em outras que precisamos reaprender constantemente com esta forma viva, com este vir a ser está, ou estava porque como Tao o que vemos são suas pegadas – luz de estrelas mortas a milhares de anos.

A pergunta então não é o que são estes fenômenos, imponderáveis por natureza, mas qual a melhor forma que dispomos para retrata-los neste momento. Creio, portanto que para entender as redes como fenômeno, dentro de uma abordagem mais próxima dos

sistemas dinâmicos não dispõe de melhor metáfora melhor do que a sociológica.

A diversidade do mundo social exige que nos apropriemos de conceitos que podem nos ajudar a entender melhor as redes. Mesmo perdendo muito do rigor que a visualização estrita das estruturas que a metáforas físico-geométricas pode conferir, ganhou em amplitude conceitual na analogia desta com a complexidade da vida cotidiana. A metáfora sociológica também é bastante oportuna já que as comunidades e redes do mundo virtual parecem querer replicar e multiplicar suas estruturas dinâmicas no mundo real.

### **Da virtualidade à realidade**

Assim tanto para sair do mundo das ideias e ir ao mundo real, para fazer esta transição das estruturas em redes, para os sistemas dinâmicos como analogia sociopolítica o método que utilizaremos nos inspiraremos

mais uma vez na alegoria libertaria. O método é o seguinte, e o descrevo, mais uma vez dentro do modelo matricial computacional booleano:

A matriz é constituída por entes cuja dinâmica é definida a partir de uma força motriz fundamental (*logos*), que é sua vontade constituinte. Seu objetivo é criar trajetórias no espaço tempo não apenas sozinho, mas em interação com os demais de modo a criar comportamento integrado. Neste processo em principio o comportamento original é libertário. Isto é governado apenas pela vontade de ser (*arque*). A inteligência em questão comunica-se desenhando uma trajetória no espaço com as demais inteligências de modo a propor uma espécie de dança conjunta. As evoluções deste universo são sinônimo desta espécie de dança polinizadora.

Considerando que elementos ocupam uma matriz de espaço limitado. Não temos apenas uma espécie de cooperação competitiva, mas a possibilidade de eventuais choques de vontades, ou completa frustração de inventivas. Essas duas possibilidades poderão gerar randomicamente a alteração do comportamento libertário para o autoritário. Isto é de um ente que tenta afirmar o seu ser, perante os demais ou em comunhão com os demais, para um ser que tenta conformar os demais a seu ser ou a sua vontade. Há uma gradual inversão de comportamento de comunicativo para violativo. Conforme as livres iniciativas do indivíduo são frustradas. Ou ignoradas, violentamente interrompidas seja porque não encontram espaço, seja porque entram em choque com outras evoluções ou estruturas seja simplesmente

porque deliberadamente outro(s) indivíduo(s) a interrompe.

A inteligência não tentará comunicar suas intenções ou convidar as outras inteligências a construir trajetórias junto com ela seu objetivo agora passa a ser o de: interferir mandar, possuir as trajetórias das outras inteligências. Ele não constrói mais trajetórias, conexões ou comunicações, ele interfere, interrompe, bloqueia, destrói. Seu comportamento não é conectivo é disruptivo. Numa espécie de replicação ou contraposição ao comportamento disruptivo sofrido. Sua função é interromper as evoluções. Sua atuação na rede é de força, suas relação agora de poder. Seu principio sua arque não é mais *eros*, amor ou liberdade, é *tanatos*, violência e poder, não é mais um ente autopoietico gerador de evoluções cocriador da dança do universo, é componente do meio

do corpo, do leviatã, artificial, servo de um status quo cristalizado, que executa movimentos reiterados e automatizados, programados, adestrados e predeterminados por um grupo que atua como espécie de sistema imunorepressor atacando e destruindo qualquer célula que apresente um comportamento diferente. Aqui o sistema já começa a apresentar comportamento corporativo do arcaico para o tipocrático. Quem não dança conforme a música, já era. Entes assim tendem a se constituírem, portanto como instituições não apenas agregando mais indivíduos frustrados, mas reproduzindo frustrações. Tal comportamento se não puder ser eliminado rapidamente contamina toda a rede paralisando todo o sistema destruindo qualquer possibilidade de evoluções. Monopoliza, repete, cristaliza e morre.

## **Monopólios**

O objetivo do ente frustrado ainda é o mesmo, mas como todo violador seus métodos é que são distintos. Incapaz de chamar ou centralizar as atenções com suas evoluções, a célula ansiosa por poder não tentará mais gerar evoluções, criando conexões, mas tentará ter manter e controlar outras células e conexões, pela eliminação da liberdade, privação e alienação dos corpos e vontades (fluxos) de outras células e conexões. A centralização é a hierarquia emergem quase sempre como estruturas cristalizadas ou status quo destas estratégia, que embora emerja como configuração centralizada ou indiretamente centralizada (hierarquia) é do ponto de vista dinâmico a mesma estratégia monopolista.

A diferença parece pequena, mas não é. Uma célula libertaria tentando centralizar de forma

absoluta as atenções tem muito pouca chance de sucesso, ou um sucesso bastante fugaz, afinal devemos lembrar que ao contrário do mundo em que vivemos no sistema aqui em proposição as demais células não foram programadas adestradas para serem telespectadores, todas ainda querem ser o centro das atenções. O ponto é que como célula livre nada faz ela além de dançar, comunicar-se. Uma célula mesmo sem muitas pretensões centralizadoras, mas digamos infectada pelo vírus do poder ou completamente frustrada, irá se valer de violência- digamos chocar-se com todas as células dentro do seu raio de ação, simplesmente como forma de demonstração de sua força seu domínio sobre um território, a base da construção do seu campo de força ou domus sobre o qual outros indivíduos não gravitam propriamente por desejo, mas por

medo, em principio de serem atacadas, depois de não serem protegidas por sua violência ou ansiosas por partilhar desta mesma força e elas mesmas tomarem parte deste poder e lugar neste domus. Isto são as chamadas hierarquias, mas que não tem, mas nada de arque são qualquer forma piramidal entre uma monocracia e uma anarquia. Uma democracia onde algum tipo de escravo de tempo integral ou meio período trabalha para que algum desfrute do ócio parlamentar e mandar.

Monopólios são estas redes de poder são constituídas no mundo real para criação de matriz- domus e a exploração político-econômica do homem pelo homem através dos sistemas sociopolíticos.

É importante notar que nesta simulação computacional booleano de evoluções e constituições de sistemas sociopolíticos, as diferentes ordem ou estruturas que emergem

não são necessariamente boas ou ruins, uteis ou inúteis, mais evoluídas ou menos evoluídas, elas são sim produto da maior ou menor liberdade difusa ou libertarias, de vontades reprimidas ou expressas. Assim, quanto maior for a quantidade de células executando evoluções integradas por livre e espontânea vontade, maiores será o grau de autopoiese deste sistema. A inteligência destas células, ou seja, a capacidade de expressar estética simbolicamente suas evoluções de forma a conectar-se a outros intelectos e constituir novas estruturas integras por padrões complexos arquitetados por evoluções expressas por livre e espontânea vontade como um princípio criativo a arque de um logos. Neste sentido o próprio fluxo da rede como ente autopoietico.

## **A hierarquia**

Por outro lado quanto maior for o grau de desintegração do sistema seja ele provocado pela falta de inteligência dos seus componentes, isto é, a falta de capacidade de comunicar-se simbolicamente (conectar-se), maior serão o número de entes frustrados e frustradores. E dessa desinteligência do sistema emergirão as relações de força ou poder, com a destruição obstrução, centralização por monopólio das conexões. As tipocracias.

Cratos" é poder e toda a forma de cracia é a proposição consciente ou inconsciente de uma regulação da rede pela força de um determinado "cracia". O que vem na frente buro, aristo, mérito, auto, demo, pouco importa o que importa é o que vem literalmente por trás, o poder da força. Arque é princípio, um sentido para um movimento, não uma força que empurra puxa, atrai, ou

cria vetores de força o campo *domus*. É *inteligere* muito mais uma vontade à medida que cria um sentido para um ente com autonomia e capacidade para gerar dinamicidade própria.

A arque claro pode ser empregado com sentido pejorativo como em hierarquia, e com razão já que nunca conheci organização humana que tivesse tentado imitar a estrutura fractal como intenção libertarias. Contudo é importante lembrar que estruturas podem ser formadas até simultaneamente pelos dois tipos ou tendências organizacionais, à medida que um mesmo nodo pode reagir ou interagir de modo diferente a outros nodos conforme os reconhece ou irreconheça como pares ou diversos. Inimigos, amigos, neutros, desconhecidos. O seu padrão de comportamento é determinado não apenas pelas circunstancias, mas pelo

condicionamento ou experiência recebida, assim como pelo comportamento tanto do ente em interação quanto de todos os demais que em interação com ele, influenciando sua evolução-decisão-comunicação nesse jogo social.

Isto significa que uma hierarquia não é necessária uma tipocracia se não apresentar as características das relações de poder, isto é se seus componentes não se valem da do poder força ou violência para controlar os fluxos da informação evoluções ou ainda a formação de diferentes arranjos ou configurações entre os seus componentes ou as demais estruturas ou evoluções.

Nem todo corpo com seus órgãos forma uma estruturas corporativa, nem toda a colmeia com sua rainha forma uma estrutura absoluta. Nem toda a estrutura de comunista forma uma estrutura totalitária. E nem toda

estrutura libertaria o anarquismo individualismo absurdo. O elemento fundamental para a geração da perversão da arque em cratos é a supressão de eros por tanatos. A conversão de um ente livre dotado de vontade e inteligência própria num ser autômato.

A arque é um princípio o logos dinâmico constitutivo do sistema dentro da geometria fractal o próprio princípio criador e replicador não apenas das estruturas, mas de sua evolução.

### **Das Autarquias**

A arque como vontade primal ou inerente a todo ente cuja existência é movimento é em sua essência é a liberdade plena de fluxo dentro da rede. Logo a corrupção primeira da rede ou do princípio constituinte das redes é a negação do fluxo. A relação de poder. O impedimento da expressão da vontade.

Vontade não de terceiros, mas dos entes gerados da entidade fundamental de uma conexão os nodos. Em outras palavras um ente não tem apenas liberdade plena para se conectar, mas para também se desconectar de qualquer outro nodo. Ora essa liberdade que ninguém pode obriga-lo a ficar conectado a um centro, a uma hierarquia, mas também ninguém pode impedi-lo de fazê-lo se essa for a sua vontade!

Ninguém pode obrigar os entes livres de uma rede a se distribuir ou mesmo a fluir contra a sua vontade, porque o fluxo, não é a dinâmica física aparente o fluxo é manifestação da Vontade! Em outras palavras o princípio autogerador das redes é a liberdade.

As hierarquias, monarquias, anarquias, oligarquias, panarquias, não são em si sistema bons ou ruins, são apenas formas de auto-

organização, ou desorganização dependendo do ponto de vista ou do gosto do freguês.

Se um maluco quer se coroar rei do seu quintal e outros tantos acreditam que ele é soberano por vontade de deus, ou por sua própria vontade, ou é a própria senhor dos céus que o fez senhor da terra, ou qualquer coisa similar quem é o soberano mor pra impedi-los com a força bruta de idolatram seu rei, de prestarem seu culto, de terem sua cultura politica? Deixem que tenham sua religião monoteísta laica em paz. Quem eles incomodam? Não batendo na minha porta aos domingos como pregadores ou cobradores de impostos incomodam menos que muita gente. Deixem que eles paguem seus tributos, corem seus reis, passem faixas em seus presidentes, encham de títulos eméritos e pronomes de tratamentos os meritíssimos, os magnânimos, as suas excelências, deixem que eles

coloquem peruca e toga em seus deuses e os idolatrem, porque não? Que elejam seu cavalo para o senado, porque não?

Porque as pessoas não devem ter liberdade de culto laico? Porque as pessoas não podem idolatrar as autoridades medicas como os senhores absolutos de suas vidas se assim o desejam?

Porque as pessoas não podem entregam os seus filhos as escolas e professores para que eles aprendam a obedecer, a fazer fila, comer e fazer xixi ao sinal de campainha como um cão de Pavlov? Se for o que elas querem, porque não?

Quem nomeou a mim ou a você os salvadores e libertadores do mundo?

O que podemos fazer de melhor além de sermos nós mesmos e vivermos em paz?

O que podemos fazer além de tentar Inteligir?

Se as pessoas querem entregar seu poder de decisão a outros e for roubada vigiada e tratada eternamente como crianças por políticos se essa é sua vontade deixam que é a façam? Se querem ser governados por ditaduras de maiorias ou minorias? Que seja.

As pessoas tem o direito tanto o direito de obedecer quanto o tem de desobedecer. E se organizar em tantas formas diversas quanto são as suas vontades e possibilidades no tempo espaço.

O Eros é o fator determinante da arque é, portanto a própria indeterminação difusa da diversidade. Não há certo, não há errado, há sim acertos e erros, e, portanto experiência e aprendizado. O sistema é inteligente e sensível, capaz de definir seu próprio sentido, e sentindo estrutura-lo de acordo com suas vontades, seu logos é a diversidade, e sua finalidade a evolução não para um ponto

definido, mas para a indeterminação da multiversidade, uma panarquia, onde o mais absoluto e centralizador dos princípios a monarquia consegue conviver em paz como o mais desconstrutor e, portanto revitalizador dos princípios a anarquia simultaneidade.

### **O Panóptico**

Ora é evidente que para que tamanha harmonia possa de fato ocorrer em simultaneidade à violência e a força bruta precisam ser senão completamente neutralizadas, reduzidas com eficácia suficiente de modo que o ruído que ela introduza jamais venha a novamente a contaminar o sistema com o vírus do poder.

Quando a Eros, a arque, a estética da vida, paz, e liberdade é convertida Em tanatos, o cratos da cultura da morte, violência e poder? Quanto o Pai-Pátria-Patrão, o culto ao Patriarcado subjuga a natureza da terra, e a

diversidade da rede é reduzida ao uno? Mais profundamente quando a mente se aliena de ente criativo e passa a ser um mero processador epistemológico deste tribunal supremo, deste inconsciente coletivo do Todo Poderoso, deste culto maldito ao Absoluto e a verdade única e excludente de todas as demais?

Tal trauma, tal perversão da ânsia por liberdade e existência em medo e desejo de ter e poder não é mero um processo arquetipo de centralização, mas cratológico de monopolização, de alienação do homem pela privação dos meios de subsistência existência e expressão. Mais do que a exploração do homem pelo homem, através da rarificação e escassez é o monopólio do homem pelo homem é o controle absoluto da arquitetura física e metafísica do homem pelo homem. O homem que nasce em correntes servo de um

próprio criador no céu de seus capatazes na terra.

Onipresença, onisciência, onipotência, O panóptico metafísico projetado como entidade dividida e introjetada como superego, amaldiçoado a própria concepção de nossa vil existência. Intermediação do corpo, intermediação da alma, condenação do homem a viver como meio, não como ente. Amputado de sua beleza, divorciado de toda perfeição, Reificado no domus-matrix. Condenado a pena de Morte em vida da Servidão como autômato coisa. Propriedade.

A totalização. O poder total e o mito do todo poderoso, são a chave da cultura do absoluto, produtora da frustração original do pecado contra eros contra a criação a criatividade a fertilidade e toda identidade criativa, bloqueador da personalidade. Dentro da rede este processo não se produz apenas como

força que impede a expressões das evoluções livres dos indivíduos ou pensamento, mas o cerceamento da livre associação ou desassociações.

### **Estupradores**

Se nossa seita de adoradores do rei, ou de pagadores de tributos de uma oligarquia persegue alguém decidisse abandonar o grupo, ou ainda se esse grupo passasse exige a conversão obediência, tributos, ou mesmo a audiência dos demais interrompesse obrigatoriamente sua novela com mensagem políticas bem temos claramente não mais um grupo com princípios uma arque, mas um grupo com um cratos, ou seja, um profundo desejo de poder desejo de tomar o poder, de se se fizer poder, se estar no poder, de mandar e ser obedecido. Temos enfim a pior estirpe de sociopatas soltos a ruas estupradores no caso políticos, ou seja,

peças dispostos a satisfazer seus desejos e vontades sem se importar se os outros estão com a mesma vontade de satisfazê-los.

Se estes violadores não tem uma autorização legal são bandidos; se as tem então você é o bandido se recusar fazer a vontade deles. Às vezes eles escrevem antes o que vão fazer com você, e a isso se chama constituição- e então você não tem mais o direito de negar a dar porque não sabia que não tinha que dar. É claro que estou pintando o quadro com cores pesadas. Mas não raro ele tem mesmo essas cores. E a ideia é justamente usar o contraste para denotar bem onde a inversão do principio se faz perversão.

O fator determinante a constituição de uma corporação tipocrática é obviamente o cerceamento da liberdade individual, ou do ponto de vista da rede o controle do fluxo ou das conexões e dos isto não implica num

ataque não só direto tão somente ao indivíduo, mas a todas as formas de expressões de sua identidade criativa ou diversidade pessoal que não estejam absolutamente condizente com as normas funcionais da organização.

O corpo funciona como sistema imunopressor de seus componentes internos e externos interagindo de forma não apenas resistiva ao meio, mas destrutiva a qualquer alteração de sua forma- configuração. O sistema atua, portanto normalizando, uniformizando, mediocrizando seus entes em componentes, fazendo-os partes de um conjunto e não mais de uma rede. Ovelhas de um cercado. Moradores de um território e não mais cidadãos de uma sociedade. Não há mais evolução, mas estatus quo. Não é de se espantar, portanto que a partir deste momento, a única expectativa possível de

inovação sejam as revolucionárias; ou seja, as que quebrem a inercia do sistema, atacando violentamente as amarras artificiais que libertando prendem pessoas e movimentos naturais desta engrenagem. O problema é que uma revolução não como os meios denunciam não tem princípios, mas fins. É movida igualmente por frustrações e frustrados e ainda que tenha uma causa não tem uma arque, mas um cratos. Seu fim é arcaico o poder. E sua cultura a da violência.

### **A cultura da Violência**

As culturas da violência é o produto imediato da relação de poder. Sendo que a própria ideia de cultura já é uma perversão da autopoiese, à medida que não se cria se cultiva. Cultura é extensiva, é uma ideia odiosa. A estética é a expressão original da rede. A rede cria arte, o sistema reproduz cultura. Semeia doutrinas em crianças, para

colher adultos obedientes. Nessa plantação de gentes, nessa cultura de escravos em sua grande maioria assalariados, imigrantes pobres nos países latinas na divisão de trabalho do mundo [ii], não se mantem apenas com repressão física ou aprisionamento de corpos, é necessário o controle psicológico.

Antigamente duas pessoas eram capazes de se matar sem se conhecer apenas por ter deuses diferentes, uma língua diferente, uma bandeira diferente, desde que seus mestres mandasse que o fizesse. Infelizmente ainda existem pessoas subjugadas e condicionadas a este ponto no mundo, mas não em numero suficiente-espero. Técnicas mais aprimoradas de terror contra seu próprio povo, e incentivos mais sofisticados são necessários para empurrar pessoas se matarem umas as outras para viverem uma vida diferente de sua própria vontade comprar lixo, ou até contraria

todo dia seus instintos mais básicos de vida, liberdade ou dignidade. É preciso muitas vezes trancar uma criança vinte anos numa escola e muita TV para conseguir isso, e nem sempre funciona.

A chave é o mito do Uno para que ninguém escape da formação, para que ninguém deserte das fileiras, deve ser incalculado que só existe uma verdade. E essa verdade é seu deus, todo poder e o poder total. Deverá ser escravo dele, deverá se submeter a ele, deverá adorara-lo. Mas como? Com devo idolatra-lo? Como devo servir a meu mestre, criador, e senhor? Ora simples seu vagabundo inútil: Trabalhando!

Trabalhando! Trabalhando! Trabalhando! E se de vez em quando dando seus filhos para morrer na guerra. E ficando orgulhoso com isso. Só o trabalho salva.

Há todo um processo de falseamento da raridade, tudo é escasso. Tudo é raro. Tudo precisa ser produzido a duras penas. Nada é de graça. Como se toda a vida não adviesse de uma fonte de energia inesgotável e ainda possível distribuída de forma completamente indiscriminada e universal de energia, a luz solar, horror dos monopolizadores. Não por acaso os primeiros sacerdotes monoteísta espertamente identificaram deus ao sol o provedor da luz. Se ele é o senhor que de dá a vida é ele que você deve à paga, e eu sou o seu cobrador na terra. Dízimos e tributos. Igrejas e Estados são frutos da mesma vinha esperteza e ódio.

A ideia central é o sacrificio de muitos para o desfrute do ócio criativo e político de poucos. A centralização não basta, é preciso construir uma periferia permanentemente excluída pela ausência dos meios para pô-la a servir o

centro. A base da pirâmide nunca ascende, e nunca tem chance de sair da base porque esta esmagada sustentando toda a estrutura. Não é propriamente necessário mais agir para manter a estrutura, o próprio do jugo, a própria destituição das liberdades fundamental dos indivíduos para estabelecer as conexões em rede já constituem impedimento mais do que suficiente para que outras formas de organização não tenham chance de emergir, e as evoluções fora do cratos sejam marginais, vagabundas, condenadas a morrer de fome.

Nas estruturas político-econômicas não há espaço para ver a beleza dos lírios do campo. Ou compreender a complexidade de porque os pássaros do céu que não plantam nem fiam não caem amaldiçoados por deus, raivoso, agourento, porque não deu morreu desde seus gêneses trabalhando como o suor

do seu rosto ou pisando no pescoço da sua mulher.

## **Fractais**

A arvore cresce naturalmente hierarquia fractalmente como um corpo hierárquico, a floresta se espalha anarquicamente pelo território. As abelhas polinizam em padrões entrópicos tão complexos que parecem completamente anárquicos. Animais organizam-se sob os mais diferentes arques tanto socialmente quanto sexualmente. Monogâmicos, poligâmicos... Qual o principio correto? Qual o principio verdadeiro?

Estas são perguntas que não cabem à natureza das coisas criativas Porque a natureza das coisas É ser e não ser julgadas por servos de seres e poderes supremos e representantes autorizados legalizados e titulados de verdades absolutas. A arque quando se torna verdade absoluta se torna

arcaica e morre, vira uma verdade. Somente aquilo que ainda não verdadeiro é interessante porque não existindo carece ser realizado, utopia ideia, futuro, vontade de ser poieses. Evolução. Quero dançar como abelhas. Eu sou a mosca na sua sopa.

Quero me coroar como Quincas Borba e abdicar do meu próprio reino. Quero servir a quem vence o vencedor. Quero obedecer ao meu mestre e desobedece-lo. Quero ser mestre do meu mestre e abandona-lo. Quero ser um homem livre com direito e liberdade de credo religioso e político sexual, liberdade de associação e dissociação em todos os sentidos humanos, sem sofrer violência privação ou expropriação dos meios naturais. Quero ter direito ao ócio e ao capital e colher tanto seja o lucro ou o prejuízo por me expor a este risco, quero ter o direito de me associar com outras pessoas para me proteger deste e

de outros riscos em contratos sociais como ou sem intermediários de acordo com minha vontade, para nossa proteção mutua ou mesmo universal.

Evidentemente que entre a expressão de uma vontade e a construção de uma realidade a uma distancia razoável e muito trabalho, trabalho no bom sentido da palavra, a ser realizado, ou seja, há muita criação a ser feita por ociosos absurdamente compromissados com sua vontade de nada mais nada menos criar um novo sentido, juntos. Esculpir o social. Libertar.

A árvore não foi apenas podada, faz tempo que rio foi desviado. Não estamos apenas falando então de técnicas de libertação da escravidão, mas da alienação. O desejo de poder mora, sobretudo no nosso coração frustrado. A libertação começa quando nos libertamos dos anseios cultivados por ter e

poder dentro de nós, das vontades plantadas de mandar e obedecer que não são um fetiche nosso. Traumas, medos e anseios, muitos deles completamente reais frutos de uma sociedade que priva as pessoas dos meios de vida mais fundamentais e ao privá-las da dignidade embrutece. Não falo apenas da privação material, falo da privação estética da privação cidadã.

Não devemos confundir a privação com pobreza. Ser privado de algo não produz instantaneamente pobreza. Assim como a falta de luz não leva a cegueira. A violação está na perpetuação no prolongamento da privação contra a vontade de modo que o indivíduo perca não sua capacidade, a intenção aqui não é cegar, mas a sua vontade de ver, alienar. Ele continuará vendo, mas não mais enxergando, só verá o que é para ser visto. E como o sequestrado que passa a

idolstrar seu violentador por sofrimento ele ainda por cima será grato  aqueles que lhe tomaram sua visão, e chamarão o seu novo estado de inconsciência e alienao de revelao.

A esse processo de educao feito por toda vida conosco chamamos educao a base da transmissão daquilo que chamamos cultura, o cultivo de gentes, ensinamento, doutrinao, por negao do florescimento de qualquer espírito esttico artístico, por negao da capacidade co-significativa do aprendizado criativo em rede. A autopoiese esta morta o espírito esttico destruído o ente  uma estao repetidora retransmissora da programao da emissora de telecomunicao. As tecnologias totalitárias do século XX não inventaram nada elas apenas amplificaram um sistema muito antigo de

adestramento-programação de seres humanos em servo-escravos-autômatos.

### **Transcendência**

No cratos contemporâneo a e é reduzida doutrinação. A estética é reduzida a cultura. A ecologia é reduzida economia da escassez e a dignidade a provisão da materialidade do mínimo. A ordem é reduzida ao poder politico. O direito é reduzido cidadania. E a sociedade é reduzida ao estado civil submetida ao monopólio do poder estatal. E a liberdade ao direito liberal de papel. Liberdade não é poder de escolhas é o poder de transcender as privações Superar a pobreza. Transcender é diante de caminhos ou escolhas preestabelecidos construir suas próprias. Não é a negação nem a afirmação, não é nem mesmo a síntese. É a superação do problema, pela recusa da aceitação dos termos em que ele estão propostos, em

verdade as soluções de um problema já estão inseridas em sua proposição. O importante não são as respostas que se pode dar mais as perguntas que se é capaz de fazer? Criar suas interrogações consiste no verdadeiro estado de transcendência, negar ou afirmar as respostas são evoluções naturais que podem ser ou não desenvolvidas conforme a vontade. Ser livre não é escolher entre os caminhos preestabelecidos, mas questioná-los e questionando-os construindo os seus próprios novos ou completamente idênticos aos antigos, mas indiscutivelmente criação da sua fé, dos seus princípios. Sua evolução. Compromisso como sua vontade.

### **Libertação**

Libertar-se não é sair da privação, mas é necessariamente sair da pobreza, porque a pobreza é o estado de espírito que fica mesmo quando se vai à privação. A privação

escraviza, a pobreza aliena. A privação, pobreza, e alienação; os três estágios para a formação da mentalidade completamente submissa no culto ao absoluto e devidamente conformada ao estatus quo; Mentalidade alienada, pronta a preservar a estrutura que a conforma como se fosse a própria fonte de sua existência. Funcionando como parte de corpo. Idolatrando essa totalidade estruturada não importa exatamente como... O importante é que agora o alienado não apenas não abandonará mais a formação, mas como parte deste todo irá dar a própria vida para preservar essa forma com a qual identifica a sua imagem e semelhança. Sem ela sua vida perde função e sentido. Ele não é mais um ser com sentido próprio, autônomo. O alienado é o Todo. Deus salve a América. God Save The Queen. Brasil ame ou deixe-o. : *"tudo no*

*estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado”.*

O maior problema deste modelo tipocrático é que ele sendo fundamenta na mais absoluta intolerância autoritarismo, totalitarismo, monopólio e verdade únicas, a tendência é que todo individuo pertencente a este culto tende a considerar uma ofensa pessoal e direta a ele, a deus e a própria verdade qualquer forma de pensamento, estilo de vida, que contrariem a cultura dominante. Mesmo quando o conceito chave do adorador é o relativo, a tolerância, a diversidade o anarquismo, a igualdade, a liberdade, a arque perturbada do individuo, transtornada pelo poder, tende a fazer a de seu pensamento não uma entidade aberta a entendimento, mas tão somente discriminação e julgamento fazendo seus juízos e emitir suas sentenças monocráticas.

A liberdade então passa a ser a proibição de proibir. A igualdade a obrigação de compartilhar. Até a anarquia passa a ser uma estrutura estática onde é proibida a emergência de qualquer padrão que não seja entropicamente complexo ou perfeitamente distribuído. A relatividade até a relatividade passa a ser a mais absoluta de todas as generalizações, ou seja, a negação absoluta da verdade pela máxima relativização de todas as perspectivas. A negação de qualquer universalidade pelo BIGBROTHER relativista. A policia internacional do politicamente correto para a relatividade cultural adverte: Direitos universais são proibidos porque ferem a multiculturalidade.

### **Democracia**

A republica então se torna cracia do demos. Uma ficção já que a ditadura da maioria sobre as minorias leva aos genos e etnos cídios. A

democracia de fato é a ditadura de poucos atores representando figuradamente a vontade de todos os demais. Literalmente uma representação.

A panarquia exige naturalmente um mínimo denominador comum à paz, ou de razoável expectativa de segurança. Algo que evidentemente não se produz com violência, nem com redes completamente indefesas perante estruturas tipocráticas. Defesas não significam capacidade de ataque. Significa ter um sistema com capacidade para neutralizar tanto os ataques quanto antes das fontes geradoras da violência como padrão de comportamento ou formação estrutural. Não apenas neutralizar a perversão da eros em tanatos, mas subverter com suas evoluções as estruturas arcaicas; desconverter pela transcendência simbólica-comportamental as mentalidades alienadas e tipocratificadas;

quebrar o processo de escassez natural ou monopolização artificial ou compartilhando não apenas o virtual que pode ser infinitamente dividido, mas também o pão multiplicável pelo milagre da teia da vida; explodir com o domus da privação-pobreza-alienação o templo do culto piramidal ao absoluto e onde idolotras cegos imolam a humanidade a baal há milênios.

Liberdade não depende apenas da liberalidade que um indivíduo tem para desenvolver suas potencialidades ou evoluções, liberdade emana, sobretudo das condições reais ecológicas-políticas-estéticas plenas para manifestar na realidade sua vontade como a expressão do sentido-significação para sua identidade em interação com os demais entes dotados da mesma liberdade sócia interativa. A liberdade é não estar apenas de estar livre das privações, da pobreza, é estar livre dos

condicionamentos e alienações, é estar livre das compulsões psicológicas que impedem a manifestação da vontade para além dos medos e desejos meramente circunstanciais e manipuláveis pelo sofrimento e felicidade. Liberdade é poder sobre si e sobre mais ninguém para dar sentido a própria existência acima das condições preestabelecidas pelo próprio meio ou sistema. É criar sua própria evolução em conexão com a rede que sustem a sua própria existência. Liberdade para todos é o próprio etos da rede enquanto multiverso. A dinâmica do sistema ou a arque do qual emergem os seres e suas vontades como a própria manifestação da vontade de ser. Liberdade como fonte geradora da segurança existencial e não violência. Abundancia. Plenitude, universalidade, compartilhamento por multiplicação e não divisão. Desigual mas

autossuficiente para enquanto autogerada pelos coparticipantes do sistema.

### **Cosmopolitas**

Para tanto é necessário um sistema desintermediado P2P de segurança como seguridade desta liberdade real no mundo real, um sistema de seguridade descentralizado sem autoridade central, mas ao mesmo tempo universal que garanta sem discriminação à tolerância e o estado de paz necessário à liberdade como estado de segurança sobre os direitos fundamentais a liberdade em rede. Uma Internet para a paz como liberdade para todos. Um sistema livre de seguridade descentralizado e sem fronteiras.

Essa garantia de bens comuns e particulares para todos, essa renaturalização dos recursos básicos definida e regulada pelos próprios componentes da rede seria suficiente para

aplar a assanha por ter e poder? Quebrar os sistemas ou mesmo impedir as hordas de esturadores político-econômicos dispostos a espalhar e impor seu culto a ferro e fogo novamente por toda a terra usando exércitos armas e violência voltem a emergir? Não se imporia novamente as ditaduras das maiorias sobre as minorias, dos mais fortes sobre os mais fracos? Não haveria de novo um ciclo de autodestruição? Não faz parte da própria dança da vida que a espécie que nasce sob o signo de eros naturalmente seja violada e sucumba como tanatos?

Não necessariamente a liberdade precisa se perverter em poder. Ou a resistência a violência se faz com violência. A transcendência é uma possibilidade nos sistemas. Quando uma pessoa se revoluciona passa a apresentar evoluções libertarias, dotadas da capacidade de provocar

disrupções internas e externas capazes de provocar curtos-circuitos nos programas e novas e inesperadas conexões. Aonde até água virá vinho.

São formas de comunicação por atos simbólicos de desobediência civil que transcendem o status quo e são capazes de reinspirar à vontade primal fonte da vida que mantém todo ente da vivo respirando apesar de tudo. A libertação é sobretudo um ato não egoísta daquele que ao olhar e se solidarizar com o outro consegue libertar a si mesmo. Não é um ato de paixão por um semelhante, mas o ato de compaixão para com um desconhecido, por um estranho. A capacidade de compartilhar deste profundo sentimento existencial e sentido de existência para além do seu próprio nariz, para além da sua própria barriga para além da sua próprios desejos e necessidades. De fazer do diferente, não

objeto de xenofobia, mas de universalidade. É o etos de conectar-se com o tudo. Sentir. Sem medo de sofrer. E lutar como dignidade pela vida, sem medo de morrer lutando.

Parece que o fim da violência está apenas quando abaixamos as armas. Esse é o maior engano. Quando um pacifista abaixa sua arma e abre o peito pede para morrer como um cordeiro. Como uma criança. Como um inocente, Sacrificado. Quando ele levanta suas armas para lutar já perdeu a guerra porque cruzou a trincheira. A única arma da não violência é a não omissão perante a privação material a pobreza política e desigualdade cultural-estética a cavalaria dos patronos de toda injustiça social, bancadores dos signos de poder e monopólios da violência.

Ter um planeta para chamar de terra é antes de tudo, ter um mundo para chamar de humanidade. Não há sentido sem sentimento,

nem significado sem liberdade. Liberdade Real para Todos.  
Governe-se.

---

[i] E nunca faz até se programar alguma concreta.

[ii] Na teoria do mundo privado-privada o Brasil Social é o um microcosmos do planeta, igual a todos habitantes do planeta terra e ao europeu branco medieval ainda cagamos onde comemos.

## **ROBINRIGHT E OS NOVOS CONTRATOS SOCIAIS**

### **RobinRight: Por um novo tipo de propriedade intelectual e material**

Esta nova fase do capitalismo altamente fundamentada na produção do conhecimento simbólico e na inovação tecnológica, vem exigindo não só a reorganizando do trabalho, mas da propriedade e não apenas a intelectual, mas material. Propriedade que

evidentemente é um status de reconhecimento conferido por uma coletividade a um ser de um espaço-tempo, sob o domínio de um território. A propriedade antes ser uma coisa, é uma ideia que antes de armas e nações para ser protegida, precisa de pessoas que acreditem minimamente em sua legitimidade para defendê-las. Em verdade, precisa muito mais do que leis, precisa de sociedades dispostas a respeitar e defender o estado que sustenta a legitimidade da posse. De fato é do tecido social que envolve uma propriedade privada ou coletiva, que se assenta sobre um território, que advêm não só a legitimidade, mas a força de fato que mantém e protege as propriedades privadas e publicas, ainda que os indivíduos assim o façam não como consciência mas apenas pela força do habito, ou como diria um contratualista, tacitamente.

Assim o próprio sistema de propriedades expropriadoras sejam elas coletivas ou individuais, estatais, ou privadas, se renatura como propriedade individual e coletiva quando constituída não por monopólio ou expropriação violenta, mas pela capacidade de produzir e co-produzir compartilhar e co-significar. Isso não significa a eliminação da propriedade privada, pelo contrário significa a renaturação enquanto propriedade de fato; é sua afirmação e proteção em rede de propriedades individuais invioláveis pela rede de indivíduos livres que a protege e legitima. As propriedades individuais e coletivas não são constituídas ou mantidas pela privação ou expropriação exclusão, ou privação de outros indivíduos da rede social assentada neste espaço constituído como res verdadeiramente pública, mas sim pelo reconhecimento e proteção mútuo das pessoas sociais que

mantem sua propriedade não apenas pela renúncia a violência mas pelas renúncia em excluir e privar, que se no contrato social implica não apenas em renúncia a violência, mas o dever de agir, sob pena de incorrer em omissão.

Neste sistema uma pessoa ou grupo jamais pode se valer da força poder ou violência para estabelecer ou mesmo manter um território ou propriedade contra quem não detém sua posse sem violência. A possibilidade da força bruta só se abre para legítima defesa perante o qual usa de violência para tomar, deter a posse, isto é constituir um espaço por violência, e não por estado de paz. Isto quer dizer que toda propriedade estabelecida de forma criativa, produtiva e, sobretudo pacificamente dentro de uma rede social é legítima. E deve ser protegida por um contrato social sem intermediários (o verdadeiro

contrato social) que fundamente tal sociedade.

Dentro deste estado de paz o boicote é a sempre a primeira forma de negociação e dissuasão antes de qualquer ação de força ou violência perante um indivíduo pertence à sociedade ou não que não coloque em risco eminente a segurança de qualquer pessoa. Aliás não existe nenhuma razão para a sobrevalorização da propriedade em relação a vida e a liberdade humanas já que não existe o conceito de liberdade sem vida, nem o de propriedade sem liberdade. A supervalorização da propriedade acima da liberdade ou até mesmo da vida não é apenas um inversão de valores é uma perversão dos valores fundamentais.

Naturalmente não podemos simplesmente a todo tempo abdicar de nossas criações nem de suas matérias primas, o fruto de nosso

labor há que ter sentido. Contudo, naquilo que produção é substituível, por exemplo, no âmbito daquilo que pode ser reproduzida em série ou copiada, daquilo que é consumível, é possível descriminalizar as relações ou se preferirem mercantilar relações hoje proibidas, estabelecendo uma relação de dívida, para relações hoje de roubo. Isto é subsistindo proibições por processos comerciais. Inteligere no lugar da força.

Aliás poderíamos até disponibilizar certos recursos em consignação de modo que a pessoa pudesse se apropriar sabendo que conforme se desenvolvesse economicamente teria o compromisso de retornar para com quem investiu em seu desenvolvimento quando atingisse determinado grau aferido de resultado econômico.

De fato não só podemos criar novos tipos de licença de propriedade intelectual como o

RobinRight, mas inovar nas formas de disponibilização, posse e troca dos bens de uso comum e particular através de sistemas de acesso comunitário, com regras capazes tanto de funcionar como instrumento de pedagogia para o desenvolvimento de sistemas libertária, quanto como o microsistema democráticos, capaz de estabelece novos tipos de relação proprietária entre as pessoas como é o caso do projetos como o da Biblioteca e Brinquedoteca Livres.

Neste sistema Livre onde a não devolução do Livro não constitui em uma violação das regras demandando punição ao usuário, mas incentivo aquele que põe o capital (no caso o livro) em livre circulação. O livro é dele usuário enquanto está com ele, mas somente quando ele devolve este ou outro livro o usuário volta a poder pegar um novo. Algo que pode ser lido nos seguintes termos:

quando o usuário “saldar sua dívida” ou rigorosamente quando devolve seu empréstimo com a comunidade, que não deve ser visto como uma falta, mas um investimento, seu um crédito, uma vez saldado, é imediatamente restabelecido. Um banco de livros e brinquedos estabelecido em confiança e reciprocidade. Onde o negócio ou o (pro-ócio) não é propriamente só alimentar o conhecimento ou a recreação, mas ao mesmo tempo o capital social.

Esse conceito do sistema livre pode também ser aplicado a propriedade e os meios de produção, de modo a resignificar o bem comum e o privado sem a necessidade da recorrência à privação primitiva ou a força bruta para “legitimá-la”. Dar novos sentidos mais inteligentes à posse não apenas produtiva, mas criativa das coisas não é mais só uma questão de justiça, mas de

sobrevivência não apenas deste ou daquele indivíduo, mas do próprio sistema político-econômico.

Poderíamos licenciar como o mesmo direito redistributivo RobinRight nossos produtos e propriedades materiais, de modo que se alguém se apropriasse deles, se passasse a usa-los, não estaria cometendo um crime não estaria pedindo para tomar borrachada da policia, estaria apenas assumindo uma divida com o dono da propriedade com base nos termos de uso da licença. E por que não?

Por que não flexibilizar também a propriedade material porque ficar apenas na intelectual? Não é apenas uma questão de justiça, é uma questão custos. Senão por um sentido de justiça e igualdade por uma questão de inteligência e custos, afinal não o custo de vigiar, punir, processar e manter uma pessoa presa sustentar seu aprisionamento

literalmente não vale a pena. Aliás pelo contrario estamos perdendo a chance de investir no ser humano, transformando em criminoso a pessoa que furta uma bagatela quando poderíamos estar movimento toda uma economia como baseada em nada menos que a justiça social e o desenvolvimento humano em lugar da primitiva e obsoleta repressão por sinal ilegítima se a sociedade em questão não prove os meios vitais para a aderência ao estado civil e renuncia ao estado natural.

Como bem observou Hobbes nada impede uma força armada de executar um desertor em guerra, mas não faz ela com legitimidade e sim por supremacia da violência. Com muito mais propriedade observa Locke que o povo que não encontra em seus soberanos o cumprimento do contrato social tem o direito legitimo de se revolucionar contra ele. Não

precisando se tornar maioria para tanto. Um único cidadão é maioria perante a ilegitimidade de um tirano ou o descumprimento do contrato social.

Logo a apropriação e até mesmo o furto sem violência, ou seja, não colocando em hipótese alguma a vida humana em perigo, não deveria ser crime; o que hoje se chama furto quando motivado por necessidade vital, seja ele de propriedade intelectual ou material, deveria ser convertido imediatamente em dívida para o dono da propriedade. E restituído não por aquele que furta, mas pelo estado, onde não houvesse o fornecimento das condições materiais básicas para que todos indivíduos que toma de outro para prover a sua sobrevivência ou a da sua prole.

Não cabe jamais o emprego da força particular ou estatal contra quem pacificamente tenta sobreviver. Quanto aos

que recorrem a força bruta não resta senão a reação, e a pergunta quanta violência evitaríamos se garantimos incondicionalmente o mínimo vital para todos. De certo não toda, mas o suficiente para pagar o investimento. Contudo esta já é uma outra historia.

Em resumo é isto: De duas uma, ou o Furto sem violência não deveria ser crime; ou o todo o sistema tributário deveria ser fechado, de preferencia com o Congresso Nacional junto.

Governe-se.

## **TODOS OS POLÍTICOS VÃO MORRER EM 1º DE AGOSTO**

- 3. César das Neves: Todos os políticos vão morrer a 1 de Agosto**
- 4. Resposta do Govegne-se ao artigo de economista português**

Fonte: [http://dinheirodigital.sapo.pt/news.asp?id\\_news=202143](http://dinheirodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=202143)

E se todos os políticos portugueses morressem misteriosamente no início do próximo mês? «Nunca ninguém soube a causa, mas na manhã de 1 de Agosto de 2013 realizou-se o sonho de tantos portugueses: subitamente faleceram todos os políticos nacionais, foi extinta a troika e até Angela Merkel se demitiu», escreve hoje o economista César das Neves num artigo no Diário de Notícias.

O também professor universitário adianta que «nesta hecatombe morreram igualmente muitos analistas políticos e até directores de informação». Safaram-se o Presidente da república, Cavaco Silva, e o comentador Marcelo Rebelo de Sousa que ficaram «sem explicações ou conjecturas».

«De repente a crise acabou», aponta César das Neves ironicamente, frisando que «todos sabem que a classe política, além de ser uma vergonha, é a culpada da situação».

Mas o economista alerta que «o morticínio de 1 de Agosto revelou a Portugal que o mal não vem do Governo mas do país». «Afinal a defunta classe dirigente não era estúpida, mentirosa ou corrupta» e «a economia é que está mal».

César das Neves aponta assim que «a solução da crise, com ou sem ministros e troika, passa, como sempre passou, por cda um mudar de hábitos, trabalhar mais, gastar menos» e «o resto é fantasia»

Resposta do Governe-se ao artigo do economista

A solução proposta pelo economista é mais do clássica ela é sagrada: Que os escravos

assalariados trabalhem mais. Afinal “Só o trabalho salva”. Mas salva a quem?

Trabalhar mais? Sim, mas para quem? A qual governo o caro economista pretende sustentar com o trabalho de seu povo? Para onde vai cada centavo de nossos tributos?

O querido economista está certo apenas em uma coisa, nem sempre matar as ervas daninhas do campo é o mesmo que semeá-lo. Se todos os políticos morressem em verdade nenhum problema estaria resolvido, porque as malditas ervas daninhas cresceriam novamente, porém cresceriam novamente muito bem alimentadas pelo remédio dos santos economistas, o trabalho.

Mas não! Não se ergue uma nação como a morte de governantes, nem sociedades com o fim dos governos, mas pela simples restituição da soberania do cidadão sobre sua própria vida sem mandatários nem intermediários.

O economista tem razão o mal de um país não vem do governo mas da falta dele, da falta de tantos deles quanto são as cabeças livres, pensantes e conscientes do seu direito de se governar. De se governar para não ser governado.

Deixai os governantes morrerem quietos em suas camas! que eles caiam de podre, em seus velhos regimes arcaicos e obsoletos! A nós de novos mundos não mais separáveis por barreiras continentais e insegregáveis por fronteiras nacionais, basta-nos apenas a Democracias Diretas em rede e um princípio: **antes de trabalhar, governe-se.**

## **A REVOLUÇÃO COMEÇOU**

Sem violência, calma e tranquilamente hoje 18 de Agosto de 2013 a rede de democracia direta digital governe-se, se abre para quem de fato deve construí-la e governa-la: **VOCÊ!**

Mas para que construir e governar uma rede de democracia direta digital? Para construir e governar o país do qual você tem a soberania compartilhada em rede. Isso é o verdadeiro governo, essa é a verdadeira soberania, isto é o governe-se .

Governar-se é exercer o direito inalienável de decidir o destino da sua vida. Governe-se é o espaço virtual, é a rede social que será desenhada por você para você poder fazer isso. É a sua nova república para a nova democracia em tempo real sem atores, mandatários, ou intermediários, a nova política feita de pessoa para pessoa dentro sociedade para a sociedade.

O governe-se não é um site ou portal de e-governança chapa branca. Não é uma rede corporativa de espionagem terceirizada desenhado para vazar dados pessoais de cidadãos para empresas ou governos.

Governe-se é a disrupções do poder sistematizada. Seu curto circuito. O sistema de vigilância da liberdade sobre o poder. Quem vigia os vigia os vigilantes? Eles mesmos? Ninguém? Não! Todos nós. A nação de fato tem a soberania sobre os governos. Anarquia? Não, senhores, ordem e progresso... da liberdade. *Libertas que sera tamem.*

A continua superação do velho regime absolutista e seus cultuadores pela democracia, direta e já.

É a liberdade progredindo em uma ordem onde os governos não caem eles multiplicam a razão das consciências que despertam. Pela minha, pela sua consciência que juntas e mediadas se despertam e libertam juntas. Para juntas se governar.

Por isso, meu amigo não espere mais junte-se a nós: governe-se para nunca mais ser governado.

[www.Governe-se.com](http://www.Governe-se.com)

Porque a revolução é agora!

## **A REVOLUÇÃO É VOCE**

Assim como não pode haver um senhor sem escravos, jamais haverá libertação de escravos e senhores sem revolução.

Mas que revolução?

Estamos diante de um fim. É certo. Mas o fim de hoje é apenas o signo do começo. Para governar, está claro, é preciso revolução. Contudo, para governar-se não é preciso revolucionar a matéria, mas tão somente revolucionar o espírito para transformar a matéria. Para governar-se não é preciso nada senão desprender-se do desejo de governar. Revolucionar-se é revolucionar o mundo.

Governar-se é antes de tudo um princípio fundamental, um estado de espírito libertário, um direito natural inalienável.

Não, excelências. Não estamos falando do direito das nações a soberania, nem dos povos a autodeterminação.

Estamos falando do direito evidente de todo ser dotado do poder de autodeterminação de determinar autonomamente seu destino.

Estamos falando do mais evidente e negado de todos os direitos humanos: o direito de todo ser livre e inteligente de reger sua existência de livre e espontânea vontade em comum acordo mediado por suas inteligências.

O direito que as pessoas dotada de liberdade tem de governar sua vidas particulares e coletivas sem intermediários tacitamente impostos.

Governar-se é libertar-se. Do teatro do mundo da representação. Das sombras na parede. Libertar-se da alienação do falso poder de escolha. Escolher o usurpador entre nós e nossas vidas em comum.

Governar não é escolher quem vai mandar periodicamente sobre vida meu caro. Não é uma ser súdito de um monarca, ou vários ao longo da vida, mas ser seu próprio soberano no limite do poder de uma pessoa, sua própria liberdade.

Assim em respeito a minha e a sua liberdade proclamo minha independência sobre a única coisa que tenho de fato propriedade e consciência: minha vida.

Como ser dotado da capacidade de autodeterminação declaro a minha soberania sobre meus atos. Sou soberano de mim mesmo, não por me constituir uma força armada ou um monopolizador da violência

cultuador do ego, ou idolatra do poder ou de qualquer valor ou verdade absoluta, mas justamente pela disposição contrária: Desculturalização.

Olhai os lírios do campo. E os pássaros do céu. Pessoas não se plantam nem se colhem. E por amor a humanidade, a paz e ao bem comum que me declaro emancipado de todos os cultos ao absoluto, de todas idolatrias ao poder total, e de todos poderosos da terra e do céu.

Me declaro livre por amor a liberdade. E por amor a liberdade me governo. Porque livre é a pessoa que se governa, e governar-se-á para não ser governada.

Mas e onde está o reino daqueles que se governam?

Em lugar nenhum, e em todos os lugares.

Ele, como tudo que é essencial é invisível, não mora em chão, mas nas pessoas. Flui na

confiança e reciprocidade de todos os pares que se legitimam nesse novo contrato social libertário.

Não sou um exército, não sou um estado, sou uma pessoa que pede o reconhecimento da sua legitimidade natural a rede natural de pessoas. Não as pessoas fictícias e jurídicas, mas as reais de carne e osso, minha força não é armada, ela é humana. Meu território, a terra, minha gente, o mundo.

Neste novo mundo minha liberdade não termina onde começa a do outro ela se multiplica mutuamente em uma Humanidade cuja diversidade e multiplicidade não multiplica a possibilidade de conflito, mas potencializa a criação compartilhada em rede.

Eis a minha rede sem fronteiras onde a lei é a declaração universal dos direitos humanos sintetizadas ao respeito de único princípio: Governe-se.

Por isso, meu amigo, onde quer que esteja a qualquer tempo que se liberte saiba que reconheço incondicionalmente seu direito de se governar e a sua republica que em verdade é a mesma que a minha. *Libertas que sera tamem.*

Governe-se.com

## **GOVERNE-SE: O PRIMEIRO ATO**

Partidos, eleições, políticos e propagandas. Não precisamos nem devemos nos constituir como maioria para governar nossos atos. Não precisamos tomar o poder, mas podemos nos recusar a servi-lo. Ninguém precisa de força bruta para derrubar governos, basta apenas não emprestar mais sua vontade para sustentá-los.

Sozinho posso não ter força para derrubar um governo, mas quem disse que eu quero derrubá-lo?

Quem disse que eu erguer outro em seu lugar?

Só quero viver minha vida em liberdade e respeito às leis que respeitam as liberdades de pessoas que como eu não querem governar a ninguém mais, senão a si mesmos.

Eles não são nada. Eles não são ninguém sem minha e a sua anuência. Por isso nas próximas eleições simplesmente não vou fazer nada, absolutamente nada. E vou arcar pacificamente, como pessoa dotada de direitos humanos, sua consequência.

Não, não vou justificar minha ausência com mentiras para mentirosos. Minha abstenção já está completamente auto-justificada, vou simplesmente ser completamente transparente com meus pares e seguir minha consciência... eis pois a minha justificativa para as próximas eleições: Vocês não me representam.

Excelências, vocês não são meu senhor.

Não vou votar e não vou mais me justificar. E não vou aceitar, como gado, que me impeçam de sair do meu próprio país. Se me prenderem vou então me considerar (o que de fato serei) preso político.

Não serei eu a delatar a injustiça. Mas o próprio sistema a se denunciar: que há um país onde podemos ser feitos prisioneiros em nosso próprio território nacional, se nos negamos a referendar políticos e políticas mesmo que isto seja a expressão da nossa soberania. Uma república, que inverte direito em deveres punindo cidadãos, não é uma democracia.

A verdadeira republica não é um território que prende e ameaça o cidadão, mas que o liberta das suas privações e violências mais primitivas. É o espaço de garantia das liberdades reais. E, por isso, a verdadeira

democracia não é feita por governos ditando, normas e candidatos, para cidadãos, estes reduzidos a meros eleitores e consumidores de propaganda eleitoral. Mas, em verdade, deveria ser de cidadãos para e por cidadãos, em deveres e direitos recíprocos sem intermediários.

Mas não peço que ninguém concorde comigo, nem me siga ou faça nada por mim, não peço que ninguém me represente, só peço que não me obriguem a prestar culto a senhores que não são meus, estejam eles nomeados no céu ou na terra, nem que me prendam, porque quero ser livre. E que esta liberdade fundamental de culto se estenda para todos.

Meu dever de cidadão não é votar em quem não me representa, mas obedecer a justiça que mora na minha consciência, sobretudo quando são aqueles que detém o poder que a violentam. Minha abstenção está, portanto,

mais que justificada: sou uma pessoa dotada de direitos, entre eles, o direito de me governar. Direito que não é um concessão ou benesse de nenhum rei ou governante, direito que não é o dever de referendar representantes que, entendo, que não me representam. Direito que nasce e morre com todo homem, junto com sua liberdade e dignidade.

Se você acredita que estes políticos o representam, ótimo; se você acredita neste sistema de representação, bom para você; mas, por favor, não me obrigue a referendar crenças e representantes que são seus porque isto é uma violência contra minha liberdade fundamental. Violência contra minha liberdade política e civil. Violando, primeiro, meu direito de decidir sobre meu próprio destino, para depois violar meu direito de ir e vir.

Isto acontece porque meu governo pune o cidadão que se recusa a engolir o lixo de todo o sistema representativo, com a prisão no seu próprio território. Para quem se recusa a votar nos políticos que estão aí, ou participar do sistema político que está imposto, a punição é, entre outras, o impedimento de sair de seu próprio país.

Aos que votam por exercício de cidadania. Meu respeito. Aos que tem dupla cidadania ou a buscam para não serem simplesmente presos como gado em seu próprio território, ou tem suas razões particulares, meu igual apoio a sua busca pelo crescimento de sua liberdade real. Porém, a todos brasileiros ou estrangeiros, partilhando ou não do meu ponto de vista, peço tão somente o respeito a minha decisão de compartilhar do destino de todos os demais cidadãos brasileiros, de partilhar do destino de todos que não tem

dupla cidadania para escapar das fronteiras geopolíticas imaginárias de uma fazenda e, em verdade, sequer tem dinheiro para fugir do encarceramento, este sim, bem real, levantado pelo seu ministério.

Nosso país não pode ser mais uma prisão, e suas fronteiras não podem ser cercas que prendem o gado pobre e marcado. Pois onde reina a privação mais primitiva, quem não dispõe das liberdades mais básicas não é livre sequer para praticar esta desobediência civil. Não quero viver mais num país assim, mas também não vou deixá-lo, nem esconder publicamente meu desacordo com nosso contrato social que, mais que injusto, é claramente ilegítimo.

Assim, por causa do meu trabalho social, posso ter que novamente sair do meu país, e tentarei naturalmente fazê-lo. Mas não vou pedir “habeas corpus preventivo” para

participar de eventos internacionais e representar meu país, e se negado meu direito de ir e vir, não hesitarei como preso político detido ilegalmente pelo meu próprio governo, buscar as medidas necessárias junto a justiça nacional e internacional para libertar, não só minha pessoa, mas a de toda brasileiro nesta mesma condição.

Por isso, vote você, em quem você acredita, ou não. Tudo que peço é respeito a minha decisão de nunca mais referendar quem não me representa. Tudo que peço é que respeitem minha liberdade civil e não me obriguem a consentir com o que minha consciência não permite. E se você acha que eles são palhaços, não eleja mais palhaços, ponha um fim na política milenar do pão e circo. Não vote nulo, não espere as eleições para decidir, vote já, vote agora, vote em

você para representar você mesmo pro resto da sua vida.

Não se aliene, não se esconda, declare independência e promulgue seu primeiro ato de governança. Democracia direta já. Governe-se.

## **MATERIA NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO**

29/08/2013 - 06h00

**“É perfeitamente possível que uma nova forma de democracia direta nasça e seja institucionalizada aqui no Brasil”**

Matéria <http://folha.com/no1333743>

**TATIANE RIBEIRO**

DE SÃO PAULO

As mídias sociais foram um dos principais meios usados para mobilizar milhares de

brasileiros nos últimos meses. Mas, para o empreendedor social Marcus Vinicius Bancaglione, 37, “falta foco e espírito libertário”.

Em busca de adequar a tecnologia dessas redes à nova demanda social por mudanças políticas, Vinicius e mais quatro amigos criaram o [Governe-se](#), uma plataforma digital para ligar o cidadão diretamente com o poder público.

“O software será usado para conectar as pessoas. O importante é que elas compreendam que o poder emana da sociedade e a partir disso usem a ferramenta eletrônica para fazer alterações nas estruturas legais. Assim, não serão dominadas pelos governantes, mas passarão a orientá-los”, diz Brancaglione.

O grupo faz parte da ReCivitas, uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse

Público) com foco em cidadania e autogestão. “Começamos a criar o Governe-se em 2012 e nos próximos três meses ele será construído colaborativamente, de forma que as pessoas vão determinar como ele funcionará”, explica. A plataforma foi lançada em quatro eixos principais: desobediência civil, arte, rede e rede social. A primeira parte diz respeito à posição política que o participante pode manifestar como indivíduo com base na não ação, como, por exemplo, não votar nas próximas eleições e não justificar a ausência. Na parte artística, o objetivo é criar um movimento estético que seja transversal às reivindicações. A rede é quando as pessoas se agrupam e começam a formar um movimento, e rede social é referente à própria ferramenta e suas funcionalidades.

“Os participantes podem lançar artigos e ainda preservar sua identidade. A ideia é tirar

a estrutura das redes sociais para as ruas de forma organizada”, diz Brancaglione.

Entre os pontos mais importantes da plataforma está o encaminhamento das demandas geradas para os órgãos públicos responsáveis.

“O Governe-se é afirmativo. Nós lançamos a demanda para as três estâncias e fazemos uma análise para saber se é necessário enviar o pedido ao Ministério Público, ou, por exemplo, se o governo não está cumprindo determinada lei”, explica Brancaglione.

Para isso, o grupo conta com a ajuda do advogado Bruno Galvão, que está trabalhando na construção de um projeto de lei que envolve alterações na estrutura legal brasileira para permitir que a sociedade civil faça proposições sem ser barrada pelo Congresso.

“Os protestos são indicativos claros que há uma falha na comunicação. A revolução já

aconteceu e é perfeitamente possível que uma nova forma de democracia direta nasça e seja institucionalizada aqui no Brasil”, afirma o empreendedor.

“Nós não precisamos atacar uma estrutura para que ela caia. Se deixamos de apoiá-la, ela simplesmente perde a legitimidade. Por isso nossa proposta transcende a anarquia. Para nós o governo é uma coisa tão importante que todo mundo teria que ter direito ao seu.”

## **NÃO VOTAR NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES. O QUE ISSO TEM A VER COM O GOVERNE-SE**

No artigo anterior, tornei público que não vou votar nas próximas eleições. Não vou justificar. E se por ventura não puder mais viajar me considerarei como um preso político.

E se preciso for vou lutar. O que eu quero com isso? Uma coisa muito importante, mas nada além do fundamental, nada que não deva ser negado a nenhum ser humano, quero meu direito de expressar o meu pensamento. O direito fundamental de me manifestar de acordo com a minha consciência, o direito de falar e agir de livre e espontânea vontade em concordância e coerência com aquilo que eu acredito ou não. E neste momento eu não acredito no sistema político e eleitoral. Como disse não quero mais a política do pão e do circo.

Mas isso não quer dizer que quero ver o circo pegar fogo. Apoio movimentos como Eleições Limpas que querem fazer o que é necessário para que o país não arrebente em ondas de violência pela falta de credibilidade e competência institucional.

Entretanto sei que não preciso renunciar a minha liberdade individual para cumprir com minha responsabilidade civil. Mantenho perfeitamente minha coerência apoiando movimentos de moralização da política, ao mesmo tempo em que me nego como pessoa a renunciar a minha soberania em favor de qualquer político. Até porque não tenho a intenção de impor meu ponto de vista, pelo contrário, peço o respeito a todos nossos pontos de vista que embora diferentes, são ainda sim soberanos.

Aliás, mais do que respeito, o governante deve ao cidadão obediência quando este conquista sua liberdade no estado democrático de direito e a legitima através das suas instituições. Por isso não tenho medo de repetir: *Excelências, vocês não me representam, não neste sistema.*

Não, não vou mudar minha posição. Não sem mudanças verdadeiras já! Elas podem ser até graduais, mas precisam ser reais. Mais do que direitos de papel precisamos de direitos garantidos como liberdades reais. E é por isso que embora a moralização das eleições seja uma necessidade emergente, ela é só o começo. Mais do que a moralização do sistema representativo é necessário a revolução dos sistemas de controle da informação, especialmente os de governança, não só no Brasil, mas no mundo.

A pergunta fundamental da República sempre foi, quem vigia os vigilantes? A diferença agora é que na era da informação não só o BigBrother está nu como esta pergunta primeira finalmente pode ser respondida, e respondido por aqueles a quem devemos a resposta: nós mesmo como cidadãos!

O problema não é apenas a obrigatoriedade do voto, mas a manipulação dos cadastros obrigatório do cidadão pelas autoridades, que fazem o que bem entendem com os dados privados do cidadão. O caso do vazamento de dados do TSE para o Serasa Experian é paradigmático: o governo vazando dados de cidadãos para empresas privadas! Que aqui no caso usa este para alimentar um banco de dados de "bons pagadores"! O que na prática quer dizer para muita gente: vote hoje para ter seu nome sujo amanhã...

A questão que devemos refletir é que dentro de uma rede de cidadania, ou qualquer rede social, nenhum dado deve ser vazado para terceiros, seja empresas ou governos. Redes sociais não podem ser espãs terceirizadas. É dever do provedor do serviço fornecer privacidade absoluta e segurança. Se os governos se dão por lei o poder de violar essa

privacidade e segurança, são eles que devem tentar quebra-la, mas eles não podem forçar um cidadão a invadir a privacidade ou violar a segurança de outro. A lei não pode forçar uma pessoa física ou jurídica a violar a lei, ainda que com mandatos legais. Se o governo julga que tem autoridade para fazê-lo, que o faça.

O nosso dever como cidadão, o nosso dever como rede de cidadania, como provedor de uma rede social, o dever deste site onde este texto esta hospedado é garantir a privacidade e segurança contra qualquer ataque, venha ele adjetivado de legal ou ilegal.

Em outras palavras se os governos e redes sociais totalitárias pretendem vigia-lo, o *Governe-se* não. Por isso meu *não vou votar* nas próximas eleições. Não voto não apenas porque não concordo com o sistema de representação, mas porque não concordo

com o que estão fazendo com os meus dados pessoais.

Nós somos a rede. **Não basta apenas exigir o fim da invasão de dados pessoais, precisamos também parar com a evasão de nossos dados pessoais.**

Participe da construção desta nova Polis. Governe-se, porque redes sociais que não respeitam a sociedade, não é nem rede, nem social.

Redes “sociais” espãs e governoleaks nunca mais. É por isso que quando o nosso Governe-se estiver completamente pronto “vou-me embora para Passargada”. Porque quem vigia os vigilantes não são eles, somos nós.

## **NÃO FAÇA A GUERRA**

Primaveras dos Povos e Guerras Frias e Invernos Atômicos.

Não há porque a primavera dos povos terminar em violência. O que vamos fazer? Assistir ao espetáculo? Deixar novamente as potencias encerrarem as primavera dos povos em guerras? Ou pior, a disseminarem por todo o planeta para esconder suas próprias iniquidades? Sim, é preciso por um ponto final à violência na Síria, mas isso não será feito com mais violência. Aliás, isto deveria ser obvio se não fosse a quantidade absurda de propaganda em favor da cultura da violência. Guerras podem ser meros contratos entre os governos para aterrorizar e exterminar mutuamente sua população. E claro, fazer “bons” negócios com isso, destruição proteção e reconstrução sob o verniz da paz e pacificação. Não podemos nos esquecer que países não são pessoas e pessoas não são instituições. Porque então crer que o rei, o presidente ou mesmo o congresso representa

a totalidade dos americanos como num império se os EUA não é um regime totalitário? Senhores, assim como os bandidos condenados no nosso congresso não nos representam devemos nos lembrar que os povos do mundo sofrem com a nossa mesma sina. As democracias representativas se perverteram e servem a todos os interesses menos o do povo. O Estado democrático de direito do Brasil não consegue representar o povo porque a divisão de poderes não soluciona a tendência centralizadora e corruptora do poder central. Cultos totalitários semeiam medo e ódio para colher obedientes e a isto descaradamente chamam informação e educação. Não se engane, o povo americano não é os EUA, o povo de Israel não é seu Estado, da mesma forma que o povo da Síria não merece seu ditador, ou qualquer pessoa do mundo merece ser governado

senão diretamente por si mesmo. E isto é mais do que obvio: se tivesse um dia dado a outra pessoa o poder de decidir por mim, bastaria igualmente a minha vontade para me ver livre dela e cessar imediatamente o poder de mando dessa pessoa sobre mim. Não se engane não importa se maioria ou a totalidade das pessoas num dado momento aprova as ações de uma instituição, ainda sim essas pessoas não são a instituição e a instituição nunca serão as pessoas. É claro que são pessoas que matam em nome das instituições, são mãos de carne e osso que apertam botões, puxam gatilhos e dão ordens, e até quando um drone mata um inocente ilegalmente num outro país, há pessoas que o programaram. Sim, é inegável são pessoas a entregar seus corpos e mentes para esse monstro, para essa besta artificial, são pessoas que servem e cultuam esse leviatã e

até entregam seus filhos para matar e morrer por ele, neste culto ancestral a Moloc. Mas não se engane, não são pessoas que alimentam a guerra, mas o monstro que elas cultuam. É o culto ao absoluto, a cultura de violência, a matriz do mal. Mate pessoas, e o culto apenas se fortalecerá. Não se engane. o mal não está neste ou naquele governo nem sequer na governança nem muito menos na ordem, muito pelo contrário é a quebra da ordem natural pelo império do monopólio da violência o vetor do caos. A desordem emerge justamente da violação da liberdade. E o estado de paz não se faz pela imposição da violência, mas pela ação inteligente que neutraliza o conflito e torna obsoleta a força bruta. Sei que é muito difícil tomar uma posição ou um partido em situações tão complexas com informações e contrainformações sem nenhuma

credibilidade. Sei que a sensação de impotência é enorme, mas a pergunta o que devemos fazer é quase como uma afirmação: mas não podemos fazer nada? Claro que pessoas livres sozinhas não podem impedir uma guerra e talvez derrubar um ditador, mas juntas elas podem. E o que nós simples pessoas dotadas de inteligência e conseqüente nenhuma disposição a violência poderemos ou devemos fazer contra superpotências armadas? Ora a resposta já está na pergunta. Devemos fazer nada. Mais uma vez não devemos fazer absolutamente nada. Pode parecer pouco, ou omissão, mas fazer realmente nada pode ser um ato poderosíssimo quando tomamos consciência de que os poderes se alimentam da alienação das liberdades. Quando tomamos consciência da nossa condição e importância no mundo. Como tudo que está em movimento, cada um

de nós pode também ter a ilusão que está parado, de que não está em permanente revolução. Ninguém está parado. Cada pessoa no mundo, trabalha, se manifesta e se identifica com uma causa ainda que não tenha nem jamais venha a ter consciência disto. Para transformar um mundo hiperacelerado e que gira em torno do consumo tudo o que precisamos fazer é reduzir o nosso consumo. E nem precisamos reduzir muito. Já que o sistema é dependente de níveis absurdos de consumismo. Houve épocas que o trabalho era o maior bem do homem comum, hoje é sua capacidade de consumo, paremos de comprar, reduzamos um pouco nossa velocidade de consumo, e impérios privados e estatais haverão de cair. Não é preciso fazer greve de fome nem boicote a todas as empresas e produtos, não. Apenas sejamos justos e não escolhamos lados, e boicotar

todos que estão em guerra, apoiam ou se beneficiam da matança, sem olhar bandeiras, credos ou etnias. Isto pode não resolver os problemas humanitários da Síria, mas resolve os seus. Porque ninguém tem obrigação moral de ajudar alguém. Mas todos têm a obrigação ética e moral de não bancar quem mata. Por evitar comprar produtos dos países beligerantes ou usar meios de pagamento como cartão de crédito ou serviços financeiros destes agentes da guerra é mais do que um protesto, é uma postura de paz. Mas não somos juízes nem senhores da verdade, não temos o direito de julgar ninguém. Sabemos apenas da nossa própria vida e do nosso próprio destino e podemos como pessoas livres que se governam sem pretensão de governar os outros assumir somente as consequências sobre nossos próprios atos. Dizem que não existe almoço grátis. É

mentira. Existe sim. Comida nasce em arvores. O que não nasce em arvore são armas. Não existe portanto almoço grátis mas para os Estados que não plantam, nem colhem só tributam de quem tem carne e osso soa e sangue para ser sugado. Devemos então não pagar impostos? Não. Se quiser pague. Devemos fazer greves? Não. Se quiser trabalhe. Devemos então não comprar? Se quiser compre. Compremos de quem faz a paz e não a guerra. Um dia sem comprar ou sem usar um cartão de crédito, um dia sem se comportar como um mero consumidor pode dar mais prejuízo ao sistema do que ele ganha matando gente. Para o bem e para o mal, o nome do nosso sistema mundial chama-se capitalismo, e seu titulo de eleitor internacional meu amigo, é seu dinheiro e sua cidadania norteamericana, seu "americanexpresscard". Vote nesta guerra,

nem nos EUA, nem na URSS. Vote pelo fim da guerra. Não use seu cartão de crédito por um dia. Somos um país desigual senhores, mas não somos um país pobre. Se nos importamos mesmo com o povo sírio, com as pessoas e queremos o fim da guerra não façam nada, simplesmente não gastem por um dia, não usem seus cartões de crédito. Parem de usar sempre que puderem o novo dinheiro do mundo, até acabar a guerra. Lembre-se é você que está pagando. Na próxima guerra compre bônus para a paz. Guarde bem o seu dinheiro para salvar o mundo. Yes you can! Não faça nada. Simplesmente não sustente quem o destrói. Isto é governe-se.

## **REDE DOS POVOS UNIDOS**

**Quem vai acabar com a Guerra não é a ONU, nem os EUA, é você!**

**Não basta dizer não, não pague para ver.**

**Não compre de quem está em guerra.**

Segundo novas resoluções da ONU(2005) governos tem responsabilidade de intervir em outros governos quando estes são incapazes de proteger seus povos ou eles próprios são seus algozes. Se isto for obedecido a risca teremos por definição uma guerra de todos os governos contra todos os governos. Mas está claro, não serão os governos nem as resoluções da ONU a parar com as guerras, nem a automeada polícia imperial do mundo, mas o próprio mundo. Como o que ele de fato já se tornou uma rede mundial de pessoas conectadas cosmopolita, e não uma união pacifica de estados nações de fato eternamente beligerantes.

Somos nós que alimentamos os cães da guerra e é nossa responsabilidade parar com a carnificina. Governos e políticos e interesses econômicos financiam guerras sim, porque

vivem dela na guerra e na paz, do seu medo e da sua realização, da destruição e reconstrução. Como parasitas vivem dela, mas não são eles que pagam por ela. Mas você, não apenas quando trabalha e paga seus impostos, mas quando compra, hoje principalmente quando compra. Para que o sistema funcione você precisa continuar comprando.

Somos nós ao comprar todo o lixo que não precisamos de quem não deveríamos, que mantemos tudo que não deveria acontecer no mundo. Não é o mundo que não tem jeito, somos nós. De um jeito em você e você dará jeito no mundo. Basta que consumamos um pouco menos, ou melhor que compremos de quem Não está em guerra e estaremos dizendo o que queremos com uma liberdade que não pode ser tirada sem se tornar definitivamente o inimigo. Afinal como

poderiam os governos ocidentais tentar subtrair liberdades fundamentais e econômicas sem perder sua legitimidade se é, sobretudo por liberdades fundamentais e econômicas que ele vai a luta?

Não são os governos que tem a responsabilidade moral de parar com a guerra, eles fazem guerras, somos nós. A soberania é uma responsabilidade que não emana dos governos, mas dos cidadãos de forma direta, e não precisam eles esperar que seus governantes tomem qualquer posição sobre questões que dizem respeito a sua deliberação pessoal.

A questão é simples: se você apóia a guerra dos EUA e aliados então compre produtos dos EUA, faça negócios com eles, invista neles, porque você estará ajudando eles em seus esforços de guerra. Se você apoia Assad e

URSS então compre produtos, negocie com eles.

Agora se você simplesmente não quer mais matança, evite apoiar os dois lados e seus aliados. Digo evitar porque não estou pedindo para fazermos um esforço enorme, mas um pequeno, lembrar de não comprar sempre que possível é um dano mais do que suficiente.

Muito melhor do que dizer não as guerras. É tirar cada centavos delas!

O que estou propondo é que apliquemos o sistema governe-se para além das escolhas políticas nacionais, usemos a rede para a politica internacional através do boicote econômico. Uma rede mundial de pessoas comprometidas com a paz, dispostas a sacrificar um pouco do seu consumo, ou melhor a torna-lo mais racional, dispostas a se governar e se governando juntas mostrando

para onde de fato devem ir os governantes do mundo.

As políticas governamentais determinado através da liberdade individual não meramente econômica, mas ecológica. Claro que para isso ser justo é necessário uma renda básica universal, mas já é um outro capítulo da nossa história.

## **LIBERDADE E OBEDIENCIA**

A obediência civil é exercício legítimo do poder de decisão da pessoa humana para expressar pacificamente sua vontade soberana perante seus pares. É um direito humano que deveria estar de fato garantido a todos seres humanos mas que só pode ser exercido plenamente por aqueles que tem suas liberdades reais garantidas positivamente. Pessoas sem níveis de proteção mínima quanto a vida, liberdade, e propriedade estão reduzidas como massa ou

como marginais dentro de sua própria sociedade ao um estado de natureza, isto é, a condição em que eles só podem contar com eles mesmos e com a sua própria força para lutar pela sobrevivência. Estão privados da cidadania plena, da sua soberania e não tem condições de exercer a obediência civil, agir de acordo com sua consciência. Estão presas e são presas da situação mais desumanizante da história:

Ou se ajustam ao status quo e obedecem ordens, não importa o quão desumanas ela sejam. E se desresponsabilizam sobre sua própria vontade, ou enfrentam o leviatã e a pena para quem o enfrenta é sempre a morte política ou econômica, que é de fato uma sentença de morte lenta por exclusão da sociedade.

Num mundo desigual a obediência civil é um privilégio de quem tem o direito a liberdades

reais garantidos. E que considerando que liberdades reais são garantidas pela rede de liberdades reciprocamente reconhecidas e respeitadas temos então que o grau destas liberdades aumenta ou diminui não só na medida que cada pessoa tem sua liberdade ganhada ou perdida, mas na exata medida em que cada pessoa livre do mundo manifesta sua soberania e obediência a ela e tão somente a ela, tomando conscientemente decisões que libertem as pessoas que não tem as mesmas oportunidades que ela de exercer sua liberdade real de obediência civil.

Uma pessoa para ser livre deve ter plena liberdade política e econômica.

No plano político deve ter a liberdade não apenas de exercer diretamente seu poder político em rede, ou manifestar abertamente que os representantes constituídos por uma maioria não são os seus representantes, deve

ter o direito de constituir a qualquer tempo com os que concordam com ele o seu governo, e separar-se dele quando assim considerar melhor conforme o contrato que ele firmou. É a liberdade para dizer excelências vocês não me representam e o poder para constituir a rede de democracia direta para o exercício da cidadania plena sem intermediários. Contrato social aberto em perpetua elaboração pelos seus legítimos signatários.

No plano econômico deve ter a liberdade de acesso ao capital necessário para o exercício da própria cidadania, ou a renúncia da própria violência. A garantia mutua e descentralizada do valor de troca, definida não por esta ou aquela autoridade monetária mas pelo mercado constituído não como um conglomerado de corporações filhotes de estados, mas como a rede de agentes

produtivos e criativos se auto atraindo valores e redistribuindo diretamente o fruto de sua criação através de moedas cujos lastro é a própria criação, ou o conjunto da produção-criação humanas.

Esse é o caminho que está se auto-organizando, e que por obvio haverão monopolistas para tentar aborta-lo com a formula clássica pobreza e guerra.

Devemos estar atentos hoje sinal de internet celulares tudo que envolve a informação é começa a ser distribuído gratuitamente não apenas por governos. Não se engane de fato não existe almoço de graça, não dado por eles.

Se eles distribuem telecomunicações gratuitamente, é porque querem colher o controle da informação. Porque o controle da informação é o próprio controle populacional. O caminho não envolve apenas a distribuição

da informação, mas a distribuição do capital, porque sem o capital o indivíduo continua privada da condição fundamental para exercer sua obediência civil.

Uma pessoa pode vender o fruto de seu trabalho porque quer ficar mais rico, mas ele não tem que. Uma pessoa só se torna obrigada a vender ou vender-se quando não tem margem mais para reduzir o seu custo de vida.

A chave da obediência civil ou da não violência, é portanto:

1. Num mercado com várias opções de escolha, escolher produtos e serviços que sejam e estejam de acordo com sua filosofia. Não banque a guerra, a fome, a poluição, e todas as causas que você considera justa. Aliás, ao invés de esperar que eles fiquem amigos da sua causa, feche grupo com os

amigos da sua causa e só compre de novo da empresa quando ela aderir a causa. E ponto.

2. Num mercado mais restrito onde há monopólios, podemos causar danos específicos as economias monopolizadoras mudando nossos hábitos, diminuindo nosso consumo e num âmbito geral diminuindo nosso custo de vida.

3. O custo de vida é o limite da obediência civil dentro do uso do sistema monetário vigente, daí por diante é preciso usar sistemas monetários alternativos. Moedas sociais digitais são mais eficientes que as moedas nacionais, até chegar ao limite da troca de coisas por coisas.

Mas esse nível de sacrifício não é necessário. Num mundo altamente conectado uma população ligeiramente mais consciente, pode produzir uma revolução muito maior que um bando de revolucionários ou santos radicais. E

isso é muito bom, não viemos no mundo para lutar mas para viver nele, aos que gostam de fazer da causa social a sua razão de vida, mas isso é uma escolha e não uma regra, é muito bom saber que bastaria lembrar de usar menos meu cartão de crédito para parar uma guerra. E melhor ainda seria saber que bastaria usar um pouco mais meu cartão de crédito na economia de fair trade para acabar com a fome através de sistema de redistribuição de renda sem intermediários que garantam justamente a liberdade real que estamos aqui defendendo como condição *sine qua non* para obediência civil.

É por isso que a revolução para nós não começou em Julho, mas a 5 anos atrás quando começamos a experiência de democracia direta como a distribuir uma renda básica garantida na pequena comunidade de Quatinga Velho.

Não é o quanto o outro é rico que te aprisiona, mas o quanto te falta para ser livre que deixa vendido. Não adianta nada um mundo hiperconectado se ainda tivermos pessoas que não possam ganhar o seu pão e tanto pior se eles dependerem não da sociedade, mas do bigbrother para ganhar a vida. Kropotkin tinha e ainda tem razão a nossa maior revolução ainda é a conquista do pão:

Dizem que não existem boca livre, mas a informação em breve circulará de graça, mas o pão, não. Armas e celulares não nascem em arvores, mas ai de quem semear e colher trigo no latifúndio de vossas excelências... propriedade privada? Não meu amigo, grilada, pública.

Governe-se.

## **REDE P2P**

O software **Governe-se** está em desenvolvimento mas não faça como o governo, não se engane, o **governe-se** não é um programa de computador, ele é aquilo que você determinará que ele seja, ele é o resultado do que será posto e proposto aqui.

Ele é um princípio e sua forma de composição. Sua arquitetura é a de redes. E ele não se determina pelo número de proponentes ou proposições. Mas pela interatividade. De fato o **governe-se** não é um programa para ser instalado no computador mas que você cria e roda em você. De fato, vários programas e iniciativas alternativas podem ser criadas ao longo do percurso, outras já existem. Qual a diferença?

A diferença é tentarmos incorporar o desafio criativo ao invés de entregarmos o polis

pronta e dizermos esta é a sua nova república, estamos convidando a todos para participar da criação desta rede de democracia direta digital. Há dois riscos:

Um, a polis não sair da polemica.

Dois, a polis se tornar varias.

Ambos são produtos positivos, embora o segundo seja muito mais, a criação de n softwares. Parece uma proposta muito interessante, embora seja preciso primeiro criar ao menos um básico para se difundir em diversos que assim possam interagir e novamente se essa for a vontade de seus usuários convergir. Quem conhece programação sabe que o que eu estou falando é bastante utópico.

No momento temos nos concentrado com muito afinco na produção de um núcleo para o governe-se onde os programas possam ser desenvolvidos a partir dele. Esse núcleo é na

verdade uma rede libertária onde optamos por uma solução radical para a preservação da privacidade e segurança da informação dos usuários.

Optamos por não ter acesso a essa informação e não ter um banco de dados. Como não temos nenhuma pretensão de uso dos dados, estamos construindo a arquitetura da rede governe-se sobre um novo princípio: sem banco de dados central. Se os dados são seus eles ficam com você. E juridicamente nós não podemos quebrar, invadir, nem olhar seus dados, por que eles simplesmente não estão conosco. É como se te déssemos um cofre e a chave. Quando os dados viajam na rede, ai é outra história estamos tratando eles como dados bancários, se os governos quiserem rouba-los eles terão de agir como qualquer ladrão comum, roubando, não poderemos

nem teremos nada em nossa posse para entregar.

Para roubar contudo terão as mesmas dificuldades até maiores que ladrões roubam dados hoje, não terão que quebrar senhas criptografadas algo que não se faz sem ajuda se dentro, algo que não terão de nós, não porque estamos prometendo, mas porque não teremos acesso aos dados. Descentralizaremos completamente o banco de dados do governe-se P2P.

E é sobre essa nova rede social libertária que as pessoas poderão criar seus sistemas de governança. E isso não é nada se você não souber de que forma você vai se governar.

E então, qual é o seu plano de governo?

# **DECLARAÇÃO DE INDEPENDENCIA POLÍTICA GOVERNE-SE**

1. Eu Declare abertamente o boicote as eleições. Excelência vocês não me representam: Não voto, não justifico e se prenderem no meu território recorrerei ao direito internacional.
2. Só reconsideramos nosso boicote as eleições quando considerarmos que nosso lobby legitimo e pacifico a favor da democracia direta digital for ouvido pelo governo. Isso é um direito nosso.
3. O site governe-se estará aberto a discussão com toda a sociedade inclusive com os pleiteantes a cargos públicos que quiserem incorporar a democracia direta digital em seus programas de governo. Aos que quiserem

continuar sendo mandatários aos invés de representantes que o inferno do ostracismo lhes seja leve.

4. Como coletivo se ou quando decidirmos votar, o faremos em peso em candidatos que assumirem a democracia direta digital como compromisso jurídico conosco. Vide contrato. Quanto aos políticos no poder não há o benefício da dúvida que façam a democracia direta digital uma realidade imediatamente.

5. A democratização exige acesso para todos. Digital e econômico. Sem cabrestos. Renda básica de cidadania não é Bolsa Família. E acesso gratuito à rede para todos e renda garantida é o custo da desintermediação política. E é bem mais barata que o custo da burocracia, corrupção e paternalismo.

6. O governe-se é a assembleia pela qual se deliberará a decisão do grupo.

7. Não precisamos que o governo convoque um plebiscito, fazemos de qualquer eleição em seu nível um plebiscito, sabendo nos unir e definir o que queremos da eleição. Democracia Direta Já.  
Governe-se!

## **OBEDIENCIA CIVIL**

A obediência civil é o ato procedente do cidadão que reassume diretamente a responsabilidade ética e moral e cívica pelos seus direitos e deveres contra a norma legal inconstitucional ou injusta que os viola ou ilegítima o status. Não é ato nem revolucionário, nem reacionário, mas reconstitutivo da soberania diretamente através da sua fonte cidadã, derivado não da graça ou intermediação de poderes supremos, mas como responsabilidades sociais aprendidas e praticadas como de direitos e

deveres recíprocos. É ato de independência e não o grito.

É o ato que de recondução pacífica da sociedade pela sociedade ao estado de paz. Onde a cidadania é de fato reconhecida como fonte da soberania e o estado democrático de direito enfim tem prevalência sobre o monopólio da violência.

A obediência civil não é quebra de um estado de direito, mas o uso de direitos humanos inalienáveis para a derrubada de regimes de exceção e instauração ou restauração de estados democrático de direito onde a liberdade individual e a cidadania é enfim plena.

O cidadão obediente não tem por fim desobedecer a justiça, mas justamente o contrário fazê-la valer. Não é o cidadão, portanto, que viola a Justiça mas o Estado que viola os direitos humanos que viola seus

direitos humanos e perde a sua legitimidade ao desobedecer os verdadeiros soberanos: o cidadão.

De fato o cidadão cosmopolita do mundo globalizado não carece cometer nenhum ato contra as leis de seus pais, ou mesmo promover nenhum gesto de protesto, tudo o que ele precisa fazer é tomar consciência de sua soberania e de como ele sustenta os poderes que o oprime. E não alienar mais sua vontade. Não apenas a política, mas antes dela a econômica. Porque é com a força de suas pernas braços e sangue que o leviatã se alimenta.

Esta tudo baseado numa cultura, numa idolatria, num culto a uma besta hobbesiana. Onde entregamos a um monstro, monopolizador da violência real e simbólica nosso suor e sangue. É com nossos esforços na paz e na guerra que esse corpo artificial

vive. É o trabalho e nosso corpo que é sacrificado em seus ritos e holocausto. Somos nós que somos cultivados em suas fazendas cercados e protegidos como cidadãos-gado.

Mas seria de uma pobreza medieval o mundo se ele economicamente estivesse reduzido a esse estado de privação política. A riqueza carece de distribuição e liberdade de circulação dos capitais em diversas formas, não apenas financeira ou material, mas informacional e até mesmo política pela rede complexa formada pela diversidade de pessoas dotado de vontades elas mesmas múltiplas mas difusas.

Essa dinâmica panárquica que irrompe naturalmente as estruturas cristalizadas com um fluxo interminável de conexões e desconexões, permite que nós num mundo altamente interconectivo e acelerado, baseado num alto consumo de bens materiais

possamos alterar nosso destino que está interconexo com atos pessoais cheios de significado. Desde que tomemos consciência de que estando conectados uns com outros já estamos produzindo nosso co-significado. E que é controlando a velocidade do nosso movimento na rede não apenas de produção informacional, mas material que poderemos mudar o mundo real.

O que isto quer dizer na pratica? Quer dizer que como se desacelerarmos conscientemente nosso consumo especialmente através do signo maior de poder, tanto material quanto simbólico podemos nos expressar legitimamente contra a guerra. O dinheiro do mundo hoje é digital e seu signo os cartões de credito, diminuir seu uso, assim como o do petróleo é o mesmo que não financiar a guerra.

O exercício da obediência civil se faz portanto no uso de um direito fundamental o que fazer com a sua vida, a liberdade e a propriedade, direitos fundamentais.

Uma pessoa ou um povo sem a proteção da sociedade tem somente a sua própria força por chance de sobrevivência. Não são os governos e suas forças armadas que protegem os homens, mas seus contratos sociais de pessoas para pessoa sem intermediário, e quanto mais incondicional, quanto mais justo e universal for este contrato, quanto mais igual forem os direitos de cada pessoa em sua diversidade, racial, sexual, religiosa, cultural, nacional, quanto maior for a capacidade de romper as fronteiras, maior será a segurança deste contrato universal e maior a liberdade de cada cidadão desse Cosmópolis.

A obediência civil é uma ação possível somente enquanto o ser humano ainda possui liberdades reais básicas. Ela deixa de ser uma possibilidade quando a pessoa ou o povo está privado das ações produtivas ou econômicas capazes de definir o rumo da sua vida. Ou seja, a obediência civil é acima de tudo uma oportunidade e um dever para consigo mesmo daqueles que podem exercer plenamente sua liberdade individual porque tem as condições reais para fazê-lo.

Um povo ou homem, privado da sua subsistência já não tem mais o instrumento da obediência civil para expressar pacificamente sua vontade. De fato um povo ou indivíduo privado de qualquer forma de suas liberdades mais fundamentais de liberdades reais políticas, estéticas, ou econômicas irá gritar por seus direitos naturais subtraídos e depois usar do único expediente que a natureza

garante a todo ser dotado de anima para fazer valer a sua vida, liberdade e propriedade, nem que esta propriedade seja simplesmente o chão sobre o seus pés, e o nome disto não é violência mas estado de natureza.

Esse é um momento extremo que advém da inercia. Quando deixamos os poderes supremos tomar nossa liberdade real e substitui-la em definitivo por liberdades fictícias, a liberdade reduzida a liberalidade, estado negativo, concessão de autoridades sobre um estado artificial de monopólio proibição e censura não apenas da expressão, mas da livre existência.

A violência é um estado primitivo que se torna um expediente legítimo quando somos reduzidos a condição da luta pela sobrevivência. São aqueles que não estão reduzidos a miséria da luta pela vida seja ela

econômica ou política que podem frear os genocídios e etnocídios do mundo.

O ciclo de violência podem ser parados por quem está livre de uma vida de privação. Isto não como um gesto de filantropia mas como um gesto de inteligência. Até porque as ondas de violência, tende a expandir o campo de privação, gerando mais violência que sempre terminam por atingir também os que antes eram meros espectadores.

Infringir danos a nenhum povo ou cometer ato de violência contra outro ser humano apenas acelera a velocidade com que a onda e a frequência dos atos de violência se irrompem contra você em seu próprio território.

Pessoas livres não precisam atacar, pessoas, nem povos, nem estados nem propriedades, elas desfrutam do privilegio perante os milhares de pessoas privadas do mesmo

direito de simplesmente escolher quais e quais ideologias, empresas, empreendimentos, governos, partidos, associações, devem ficar, sobreviver, não alimentando mais os seus monstros artificiais. Não alimente o Leviatã e a besta morrerá.

Não é o capital dos gananciosos que sustenta o mundo, mas a subserviência dos consumidores da sua ostentação. Pare de idolatrar o deus do poder e o culto da violência morrerá. A Paz não precisa de mártires, nem de santos, a paz precisa de gente livre que simplesmente se recuse a sustentar com seu dinheiro, política e empresas e governos que traficam morte e privação.

Estamos trabalhando e alimentando os monstros que vão nos devorar, nossas liberdades, economias e transformar todo o

planeta num mercado para seus jogos de guerra.

É a rede de pessoas livres que liberta e não a negociação entre potencias armadas de quando onde e como e se vão dizimar gente indefesa. Não podemos viver a mercê de monstros e seus lacaios laureados com títulos de nobilidade.

Há milhares de refugiados, carneiros matando, e carneiros loucos para pôr literalmente todo mundo na carnificina, há ainda uma guerra para ser parada. Diga não à Moloc.

Pare a guerra, enquanto tudo o que você precisa fazer é não ser conivente com ela.

Porque depois restará apenas a legitima defesa, que na luta pelos termos e signos só será legitima se você sobreviver para defender também a historia da sua vida.

## **ESPORTE COMO ARTE**

Neste breve artigo não enumerarei as características que aproximam os espetáculos artísticos dos esportivos. Pois além de serem razoavelmente evidentes por si mesmas não é a similaridade ou coincidência da prática suficiente para sustentar a tese de que um jogo pode ser uma obra de arte, que uma partida pode ser um espetáculo artístico ou o esporte em si uma forma de arte.

De fato o Esporte como hoje é praticado não é arte. Há diferenças claras entre estas duas *teknes*, e que devem sim ser enumeradas para sustentar tal negação. Mas e se tais diferenças uma vez apontadas forem verificadas como superáveis?

Essa é a hipótese deste artigo, o Esporte praticado sobre outro paradigma é em verdade uma forma de Arte. De fato não

apenas o Esporte mas os Jogos em si dentro do novo paradigma podem ser considerados como expressões arte.

Vejamos então primeiro quais a principais diferenças ou barreiras entre o Esporte e a Arte:

### Competitividade

Uma obra de arte pode ser o produto de uma criação coletiva e improvisada, mas é necessariamente o resultado de um processo de colaboração criativa onde não é válida a colaboração destrutiva. No espetáculo agente podem competir para aparecer mais, mas dar um carrinho nas pernas de alguém que execute alguma coisa mais bela, ou mesmo que vá ganhar objetiva ou subjetivamente aquilo que o outro almeja é algo que na arte não é apenas uma falta, é simplesmente a morte da própria encenação. Embora o backstage esteja repleto desse tipo de

competição o espetáculo não comporta a competitividade que foge das regras. E a criação artística mesmo a coletiva sequer é promovida a partir deste espírito de competição. Isso não quer dizer que os criativos não possam competir para criar, isso pode ser até saudável para o ambiente criativo desde que o objetivo não seja derrotar os outros criadores mas sim compor a obra.

### Arbitragem

Esta característica conduz a outra necessidade do esporte que a aparta da arte, a necessidade de arbitragem. Quando a pratica esportiva tem por objetivo a vitória a gloria e não a beleza ou mais propriamente a criação em si, o espetáculo tende a perder todo o caráter da autoarorganizacao criativa. Deixa de ser conduzido prioritariamente pelos agentes criativos para ter que ser censurado por um terceiro que não é tem por papel outro senão

impor limites arbitrários ao espetáculo que se não fosse competitivo mas plenamente cooperativo não careceria de delimitação para que não descambasse na violência. As regras do jogo, o próprio processo constituindo do jogo que desenha a arquitetura da sua pratica se bem desenhado deve ser mais do que suficiente para que as evoluções mesmo que feitas dentro de um espaço limitado se harmonizem quando praticadas por indivíduos que dominam a arte. É uma dança e como tal não carece de professores nem intermediaries, mas de bom pares. A arbitrariedade vem da desordem, regras ruins, maus jogadores, ou simplesmente a vontade vencer colocada acima da própria pratica do esporte como técnica aqui perfeitamente intercambiável como sinônimo de arte.

Objetivismo Vazio

Isto nos leva ao terceiro princípio de separação entre arte e esporte o objetivismo. Quando a evolução do jogo ou do praticante está condicionada não apenas a vitória mas ao pontuar e não pontuar ou pior ao cumprimento de funções específicas de anulação, ou ainda pior condicionadas a uma estratégia relacionados a regras de pontuação de um campeonato, toda essa contabilização medíocre de uma técnica, toda essa redução de um esporte a objetivos e funções específicos por vezes meramente desconstrutivos da ação do adversário termina por construir um espetáculo da desconstrução, Vazio em beleza, em falta de sentido, pobre em valor. Reduz o esporte a guerra de pontos, ataques e defesas, a não deixar pontuar e pontuar. Não é mais sequer emulação da arte, mas mera simulação de jogos de guerra. Quando o pontuação deixa

de ser um meio para a pratica e se torna um fim. O esporte perde seu caráter não apenas artístico mas técnico. Passa a ser uma batalha campal e comercial.

### Jogos de Poder

E eis que surge o fator determinante para que o esporte até hoje não tenha se tornado arte, os interesses externos aos quais sempre esteve subordinado. O Esporte de todas as formas de manifestação sempre foi a de maior apelo público, não é a toa que tenha sido encampado como na politica do pão e circo das massas como o espetáculo a ser dado nos coliseus. O Esporte é muito mais do que comercial, o esporte é um dos alicerces do poder.

Se observamos atentamente veremos que as forças politicas e econômicas que subordinam o esporte no mundo também tentam a muito

tempo reduzir a arte a mero instrumento de propaganda.

Ora se estes são os fatores limitantes do esporte como arte. Não é o esporte impossível de praticado como arte. Cabe tão somente ao praticantes do esporte os amadores da sua arte, libertá-la desse objetivismo vazio subjugado a interesses outros que não ao do próprio esporte como arte. A necessidade de arbitragem e competitividade darão lugar naturalmente a uma competição colaborativa e autoorganizada onde a própria mudança de valores impede que se rompa com a beleza do espetáculo, quando o espetáculo não estiver subjugado a interesse outros que não a própria pratica do esporte como arte.

Quem joga e eticamente um esporte nas ruas sabe do estou falando ele tem sua moral e sua ética. E elas fazem não apenas parte das regras do jogo. Ela são o verdadeiro jogo.

Essa síntese ética e estética do Esporte pelo Esporte faz da Tekne Arte.

A arte é dos artistas

Para tanto é necessários que o espetáculo pertença aos seus criadores, a todos que participam coletiva e publicamente de sua criação artista e plateia. Jogadores e espectadores. A eles devem pertencer os direitos da obra e sua distribuição. Pois o artista não produz como empregado ele produz como criativo.

A Arte e o Esporte deve pertencer a todos que subjetivamente participam da sua criação é um bem público a ser partilhado inclusive em seus dividendos entre o artista e a humanidade.

## **LOBBY CIDADÃO**

A Democracia 3.0 é uma utopia? Como seria possível constituir uma democracia p2p? Afinal

de contas se a democracia direta digital depende de governos e governantes para serem adotadas, quem em as consciência supria que ela seria de boa vontade adotada por eles.

É certo, a verdadeira democracia direta nunca será adotada, nem dada por graça nem benesse ela terá que ser conquistada por mérito, daqueles que se emancipam. Democracia é o Estado conquistado por uma Republica. O outrora alienado que negando servir a qualquer senhor e reconhecendo exatamente os mesmo direitos de liberdade em seus iguais constitui assim por consciência e sociedade um estado civil que o liberta da servidão e afirma a sua cidadania. Aquele pois que se declara livre, igual e solidário e reconhece no seu irmão esse direito libertário em verdade já é cidadão desta nova republica

o que lhe faltam são apenas os meios legítimos para exercer a sua soberania.

Na verdade o que falta ao cidadão não é algo que ele deveria ter como direito, é algo que jamais deveria ter sido tirado dele. E se lhe falta não é porque não se tenha de sobra, mas é justamente pelo contrário, é para que falte e falte muito para muito daquilo que essencial que se priva tanta gente de direitos e liberdades tão básicas econômicas, políticas e estéticas, Por que? Porque é desta diferença brutal gritante de acesso aquilo que é essencial capital é que produz e reproduz não apenas a riqueza mas o poder. Da privação dos meios nasce e se sustenta o poder. E é monopolizando os meios que se constitui todas as formas de poder.

É por isso que o governe-se antes de tão somente um projeto de lei e rede social é um movimento pela obediência civil. Um

movimento para quem deve obediência aos verdadeiros soberanos cumpram com humildade seu dever. É um movimento por Democracia Direta Digital, mas decidiu se constituir mais do que um instrumento de descentralização e distribuição democrática, tomou a decisão estratégica de se constituir como ferramenta de desmonopolização do poder.

O sistema do governe-se possui diversos módulos para a difusão da democracia direita, porem um especialmente poderoso durante os períodos eleitorais é o que podemos chamar de lobby cidadão.

Como sabemos nossos representantes e de qualquer lugar do mundo são tudo, ou melhor, são de todo o mundo menos nossos. Eles têm dono. Representam interesses seus por obvio e corporativos daqueles que bancam legal e ilegalmente sua posição.

Esse lobby é feito com barganhas econômicas e políticas e midiáticas, por quem pode não por quem quer. Alienado de tudo isso está o cidadão.

Quando vota o cidadão, ele não tem um vínculo político com o político nem ele com o cidadão, mas o político tem com a empresa, o banco a tv.

Quando vota o cidadão, ele não tem um vínculo político, mas o político tem com os outros políticos quando o teatro acaba e as cortinas se fecham a representação acaba mas o jogo de poder e barganhas continuam.

Quando o cidadão vota, ele não tem vínculo político como o político, mas as ONGs tem. De certo que dos três é o elo mais fraco de todos. ONGs não compram, ONGs são compradas. É quem tem de detém o poder político e econômico que vai financiar as campanhas e determinar as eleições. E quem vota, o que

há para o cidadão consciente deste jogo de cartas marcadas fazer, além de uma revolução?

Existe alguma falha nesta fraude contra a democracia que nos permita recuperar nossa soberania sem ter de enfrentar o monopólio da violência?

Sim há. Nada nos impede de nos articularmos em grupos apartidários que votem somente fechado em peso no partido ou candidato que assine o termo de adesão as nossas demandas e exigências que manifestam a causa do grupo.

Contudo sabendo que entre a assinatura eleição e cumprimento há uma abismo de precariedade de direitos do cidadão e escapes legais de suas obrigações para quem representa o poder publico. Cabe focar-se num primeiro momento evidentemente, numa única e simples causa: cortar o mal pela raiz.

Eliminar os poderes do intermediário para fazer não fazer e desfazer e aumentar o do cidadão para mandar fazer e mandar embora quando não fizer, democracia direta digital.

Mas lobby cidadão não é democracia direta. Não mas é o caminho para institucionaliza-la. E digo institucionaliza-la porque de fato ela já começou a existir.

O que os políticos profissionais não entenderam ainda é que a democracia 3.0 já começou. O que plataformas como o governe-se se propôs a fazer é apenas dar voz, expressão articulada e organizada para um grito, uma manifestação que estava reprimida e que não encontra ainda canais para sua expressão e representação legal dentro do rito arcaico e burocrático e ultrapassado da velha democracia representativo moderna.

Esse grito não é novo. Julgaram morto por não ter mais um caráter anarquista e

revolucionário não conseguiram compreender que na verdade o movimento libertários encontrava finalmente sua forma organizada. Desde o pós-guerra seja na sua manifestação social das organizações não-governamentais, seja na sua manifestação tecnológica através da construção da internet, seja no movimento da contracultura, o que vemos é o nascer de uma sociedade não mais polarizada em mercados e governos e que exclui justamente o que há de mais importante: a sociedade, vemos uma sociedade que se torna consciente se sua existência e importância e que não quer mais ser representada por políticos ou propagandas, vemos cidadãos que querem ser atores sociais, sujeitos de sua própria história, uma sociedade que atinge a maioria e que não quer mais ser tutelada, que se libere, e comporte-se de forma emancipada porque tornou-se um ente

inteligente não como massa ou mero conjunto de pessoas a serem conduzidas mas com rede ciente de suas identidades particular e coletiva.

O que estamos vendo não é o levante de um povo, mas a emergência de um novo paradigma o em verdade o nascer de uma inteligência coletiva, pois assim como o mercado não é meramente uma ficção e apresenta seu comportamento e demanda seu espaço perante o estado, uma nova entidade se firma conceitual e materialmente como rede e inteligência coletiva integrada aos demais setores da sociedade.

As tecnologias, os meios que darão expressão a essa nova força da sociedade nada mais são do que os meios necessários para o reequilíbrio de um novo status quo. Um novo estado de paz, um novo contrato social.

Não excelências foi uma tecnologia que deu espaço para uma ideia antiga, foi uma o espírito de liberdade tão antigo quanto a própria vontade que deu forma as novas tecnologias que tornam obsoletos seus poderes. A democracia direta digital não é meramente uma mídia é o espaço interativo necessário a representação de um setor legítimo da sociedade nas nova república que hão de vir da era da informação.

Com todo respeito obrigado às autoridades, está na hora de parar de querer governar os outros e começar a dar-se um pouco mais de governo a si mesmo.

Governe-se.

